

Iniciação a Liturgia



*Congregação das Escolas de Caridade
Instituto Cavanis*

*Autor:
Pe. Vanderlei Pavan CSCh*

Índice

I – Liturgia	3
- A Liturgia	3
- Definição	5
- Liturgia da Missa	7
II – Sentido da Liturgia	8
III – A Celebração Eucarística	9
- a. Elementos da Celebração	9
- b. Critérios de preparação	14
- c. Ritos da Celebração Eucarística	15
IV – A Equipe de Liturgia e suas funções	22
- 1. Equipe de Liturgia	22
- 2. Quem faz parte da Equipe de Liturgia	22
- 3. Funções de cada membro da Equipe	23
- 4. Reuniões das Equipes de Liturgia	29
V – O Canto na Liturgia	30
- 1. História da Música Cristã	30
- 2. Cantar na Missa ou cantar a Missa	31
- 3. Critérios para a escolha de cantos	32
- 4. Cantos na celebração	32
VI – Símbolos.....	37
VII – Meios para aperfeiçoar os Ministérios	39
VIII – Bibliografia	43

Iniciação à Liturgia

Pe. Vanderlei Pavan CSC

I - Liturgia

A LITURGIA

A liturgia é a ação do povo. Por isso ela pode ser usada no aspecto civil e religioso da realidade do povo, assim: liturgia no uso civil é serviço público, liturgia no uso religioso é serviço devido aos deuses.

A nossa pretensão é entender a liturgia no aspecto religioso. Assim podemos definir a liturgia como: o mistério do plano salvífico centrado na Páscoa de Jesus Cristo e perpetuado pela Igreja, na ação sagrada em que Cristo exerce seu sacerdócio e em que os sinais sensíveis realizam aquilo que significam. A liturgia aqui vai ser entendida como: o mistério celebrado pela pessoa humana e como encontro de pessoas reunidas com Deus.

Para entendermos melhor a liturgia de nossos dias é necessário olharmos para a história e ver como se foi formulando a liturgia sacramental que temos hoje.

No início a liturgia não tinha um lugar próprio para celebrar, celebrava-se nas casas dos que constituía a comunidade dos primeiros cristãos. Esta celebração não tinha um ritual pré-estabelecido, a liturgia acontecia a partir da refeição onde se recordava o gesto feito por Jesus na quinta feira Santa. Nessa época a fé era transmitida a partir da evangelização, olhando para os atos dos Apóstolos. Quando o neocatecúmeno já possuía bagagem para dar testemunho do que ele apreendera, passava pelo rito de iniciação e começava a fazer parte da comunidade dos cristãos.

Com o passar do tempo vão surgindo lugares de culto chamados de “Igrejas Domésticas”, que eram casas destinadas para o culto. Mais tarde, começa-se a construir locais próprios para o culto, chamados Igreja, onde se passa a celebrar a refeição, isto é, a Eucaristia, que é o ponto de unidade da Igreja que esta surgindo.

No século IV o processo de aprendizagem vigente até então perde a sua eficácia, e inicia-se um novo método de transmissão da fé.

Pouco a pouco se desenvolve uma estrutura do ano litúrgico para a celebração da Eucaristia, tendo como pontos mais significativos: a Páscoa, quaresma, advento, etc.

Com a escolástica acontece uma reforma na liturgia, inicia-se o batismo de crianças. Iniciando assim, a educação da fé feita a partir das famílias. A pregação é de responsabilidade dos bispos e as ordens mendicantes assumem a pregação para o povo.

Esta forma de liturgia foi afirmada no Concílio de Trento e esteve em vigor até o Vaticano II, aonde vai acontecer uma reformulação da liturgia, porém até hoje ainda pode se encontrar resquícios desta liturgia pré Vaticano II. Mas essa reformulação não aconteceu de uma hora para a outra, mas foi um processo que inicia bem antes com o surgimento de focos de repúdio as normas tridentinas. Assim temos a encíclica *Mediator Dei* de Pio XII de 1947 que se torna à carta magna da reforma da liturgia.

As conseqüências das reformas do Concílio do Vaticano II no Brasil podem ser verificadas através de dois momentos: o movimento Mariano, que era dirigida pelos

Jesuítas e com cunho todo espiritual; e o movimento da Ação Católica que tinha como responsáveis os Beneditinos e com caráter social, isto é, tentavam colocar a liturgia nas ações do povo.

Olhando para a história podemos ver que a liturgia foi se adaptando as novas realidades que a vida social lhe ia impondo, porém ela nunca perdeu seu sentido, que é de reunir o povo para se encontrar com Deus, para celebrarem juntos os fatos alegres e felizes, bem como dar sentido aos aspectos de dor e de sofrimento que o ser humano é convidado a se deparar a cada instante de sua vida.

Como a liturgia está intimamente ligada com o ser humano, vamos ver qual é o embasamento antropológico e teológico da Liturgia. Para podermos celebrar melhor o Mistério da Salvação, bem como dar sentido as limitações humanas.

Olhando para o ser humano podemos perceber que ele é um ser que celebra (festeja) os fatos que acontecem na sua vida. Por isso a festa está presente na vida do ser humano. Ela significa bom humor, nela se fala do lado lúdico da pessoa. A festa tem que estar ligada a práxis, caso contrário ela se torna alienação. Assim é a liturgia.

O ponto de partida para a práxis-festa é a vida cristã, enquanto vivida, falada que cria um dinamismo que nos leva a fazer a experiência de crer, este crer tem três regências: crer em Deus (adesão); creio Deus (crer na notícia dada sobre Deus); e, crer a Deus (aceitar dar testemunho à cerca desde Deus). Estas feições diferem dependendo da circunstância de vida (urbana, rural) ou de época. Assim podemos dizer que a práxis parte da vida cristã como seguimento de Jesus Cristo como adesão, conhecimento e testemunho, enquanto a festa é a feição epocal da fé atual.

A práxis como feição epocal da fé atual deve ser histórica, para suprir as necessidades da fé atual, portanto, deve ser libertadora e baseada no Senhor, caso contrário esta práxis não é cristã. Ela é vivida individualmente, mas sempre em comunidade, pois a comunidade é o lugar de alimentação da fé. É na comunidade que se pode verificar dois princípios básicos da práxis que são: **a esperança e a experiência**, onde a experiência é aquilo que nos empurra e a esperança é aquilo que nos puxa.

A festa tem um fato valorizado (Kairós), tem uma expressão significativa (Symbolon) e tem uma intercomunhão solidária (Koinonia). Vejamos cada um deles:

- Fato Valorizado = Kairós

A festa provoca um distanciamento do dia-a-dia, que ajuda a entender a realidade da pessoa no seu centro, na expressão de gratuidade e na expressão de historicidade. Porém, não há festa sem a práxis e não há práxis sem a festa. Por isso temos sempre motivos para festejar, como: vida, aniversário, vitória, um acontecimento na comunidade.

Por traz de cada sacramento existe um momento de festa que chamamos de kairós, assim podemos verificar os motivos de festa na liturgia. Por exemplo, no batismo vemos o nascimento, a inserção, a vida nova trazido por este sacramento. Tudo isso é motivo para festejar. Onde o mistério Pascal de Cristo é o Kairós de todos os Kairós.

- As expressões litúrgicas - os Sacramentos - precisam ser altamente significativas. Expressões que comunicam significados são: a comunicação, a narração e os símbolos. A comunicação pode ser verbal ou não verbal. A narração dá o sentido da festa, do acontecimento. Os símbolos remetem a autossignificação, no entanto há objetos que impedem o acesso ao símbolo, tais como o intelectualismo, o alegorismo, o positivismo, o dogmatismo.

Na liturgia sacramental existe uma série de expressões significativas. Algumas são mediadas por algo distinto do sujeito. Por exemplo: Água = Batismo; Óleo perfumado = Confirmação; Pão e Vinho = Eucaristia; Óleo medicinal = Unção dos enfermos. Outros por sua vez não necessitam de mediação. Por exemplo: Acolhida, diálogo = Penitência; imposição das mãos = Ordem; consentimento misto = Matrimônio.

- Por fim nos resta falar **da Koinonia (comunhão)** que é feita e experimentada por quem faz a comunhão. Assim podemos dizer que quem faz a festa é o grupo, por isso ela se torna excludente, não é a festa que exclui, mas é a própria pessoa que se exclui. E por outro lado é a festa que faz o grupo, por isso, a festa tem caráter universalista, pois estende o convite a todos e acolhe a todos.

A liturgia é feita pela Igreja (comunidade) que está ligada pela comunhão (Koinonia).

A liturgia faz a Igreja, na medida que a liturgia se apresenta como aglutinadora de pessoas.

Podemos dizer então que a liturgia é a celebração dos fatos que acontecem na vida do ser humano dentro de um determinado lugar e de um determinado rito. *A liturgia é festejar os fatos*. Pois só se festeja quando se tem motivo para tanto. Por isso a liturgia é um verdadeiro festejar os fatos da vida, pois toda liturgia traz consigo um fato para ser festejado.

A liturgia de hoje deve ser feita para o homem de hoje. Todas as entidades nos nossos dias estão bem equipadas, e os seus agentes muito bem preparados. A Igreja não pode ficar atrás! Os seus agentes, e principalmente os agentes de Pastoral Litúrgica, devem, junto com o sacerdote, proporcionar um clima agradável e cativante. Por isso é muito importante a criatividade. Ser criativo não é mudar as coisas, mas revesti-las com novos jeitos, gestos e palavras.

O altar deve ser transformado numa fonte onde as pessoas deverão encontrar e sair saciadas. Por isso, a celebração não pode ser feita de padre e Equipe de Liturgia para o povo, mas de coração para coração. Daí a importância dos padres e agentes da Pastoral Litúrgica terem muito amor, formação e informação para que possam corresponder às exigências dos tempos modernos.

Apesar de muitos esforços, temos que considerar a falta de formação litúrgica do clero brasileiro e também das Equipes de Liturgia, se bem que, atualmente, há mais cursos de formação para os leigos que para os sacerdotes.

Estando por muitos lugares no Brasil realizando nossas pastorais, fui abordado por pessoas portadoras de muitas dúvidas que vinham de um motivo comum: falta de formação e dinâmica no exercício de cada função dos membros das Equipes de Liturgia. Por isso, fica muito a desejar o desempenho de cada um durante a celebração.

Esta apostila não fala apenas das funções de cada membro de Equipe, mas trata principalmente da Dinâmica destas funções com dicas e técnicas para aperfeiçoá-las em vista de um melhor desempenho litúrgico.

É bom lembrar que a liturgia, hoje, tem de ser um "fato" que desperte a todos. Tem de ser viva a tal ponto que as pessoas sejam reconduzidas ao fervor e ao êxtase. Cada palavra, oração, leitura e canto devem envolver como um abraço sonoro todas as pessoas presentes.

Já está na hora de fazermos uma Liturgia mais criativa e eloquente junto às nossas comunidades.

Definição

"Λειτουργίω" (Leitourgéo), verbo grego, significa exercer, à sua conta, certas funções públicas; servir. Assim, originalmente, "leitourgia" (leitourgía) significa função ou serviço público, ou simplesmente serviço. No Novo Testamento o verbo "λειτουργίω, leitourgéo" adquire o sentido de servir ao Senhor, desempenhar funções sagradas, daí liturgia evoluir para culto divino. Λευτοῦργός, Leitourgós (Leitourgo) é a designação

que corresponde a quem exerce serviço público, em Roma é o litor; o vocábulo indica depois o ministro do culto, não perdendo o sentido original de servo, de quem presta um serviço da comunidade.

O Dicionário Aurélio registra:

"Liturgia [Do grego: λειτουργία (leitourgía), 'função pública', pelo latim. eclesiástico medieval liturgia.] S. f. 1. O culto público e oficial instituído por uma igreja; ritual: a liturgia católica; a liturgia anglicana; "nos vastos pátios dos grandes conventos, então em toda a riqueza das suas alfaias, dos seus paramentos, dos seus azulejos, em toda a pompa da liturgia, o acampamento popular à espera da procissão".

O termo liturgia quer dizer expressão de fé; fé como dom do Espírito Santo. É uma ação que se faz com o povo. E toda ação supõe serviço. E sendo liturgia o assunto central desse trabalho, em primeiro lugar creia que o Espírito Santo quer que você esteja a seu serviço na comunidade, na Igreja.

É Ele quem lhe dá o dom de rezar, o dom de cantar, de compor, de tocar algum instrumento, o dom de fazer uma leitura bem feita, de fazer reflexões sobre um tema da Bíblia ou sobre outros temas, o dom de arrumar o altar, de manter a casa de Deus limpa e arrumada, de lidar com o som, que é tão importante; o dom de receber os irmãos à porta do Templo, de receber bem os idosos, as crianças, de ser delicado para com as pessoas consideradas "inconvenientes", pacientes para com os bêbados e outros que, às vezes, atrapalham as celebrações; o dom para lidar com a iluminação, para arrumar os folhetos da missa e dos cantos etc.

Caso você possua algum desses dons, ou mesmo outros não mencionados (o Espírito Santo é infinitamente criativo), e faz parte de uma equipe de liturgia, ou equipe de celebração, ou é responsável pelos serviços litúrgicos na sua comunidade religiosa, não tenha como imposição, obrigação e nem mesmo como alienação esse serviço prestado.

Deus não aceita nada que não seja feito com amor e alegria! Você foi escolhido para desempenhar essa função! Tenha sempre no seu coração e nos lábios a frase do salmo: *"Sede bendito por me haverdes feito de forma tão maravilhosa"* (Sl 138, 14). Não se esqueça nunca de que tudo o que você recebeu de Deus, a Ele deve ser devolvido, e os dons que Ele lhe concedeu não são propriedade sua, sendo que mais tarde Ele vai pedir contas de tudo o que você recebeu e, principalmente, o que você fez com o que ganhou (1Pd 4, 5).

Veja o quanto você pode ser útil aos irmãos, por mínimo que seja, servindo-os com dedicação, alegria e humildade. Afinal, o Senhor lhe concedeu os talentos (Mt 25, 15). O que você está fazendo com eles?

É sempre bom reforçar que os dons recebidos não lhe pertencem. Assim sendo, não queira assumir a postura de "dono" da liturgia. Ninguém é dono de ninguém, nem de coisa nenhuma! Somente a Deus cabe ser DONO de tudo e de todos! Então, não caia na tentação de fazer do horário que trabalha na celebração uma "hora em que você manda". O pároco não necessita de párocos(as) a mais (nem o povo).

Ao contrário, faça do momento em que você está atuando um momento de intenso louvor e ação de graças a Deus e de serviço aos irmãos.

Saiba usar devidamente esse espaço que o Espírito Santo lhe concede; saiba usá-lo para a glória do Espírito Santo que o santifica e plenifica com os dons, e que o quer nesse serviço (Fl 2,1-5).

Liturgia da missa.

Culto público e oficial instituído pela Igreja Católica para a missa, cujo rito sofreu alterações a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), e que consta das seguintes partes: **ritos iniciais** (saudação, ato penitencial, Kyrie e Glória); **liturgia da palavra** (duas leituras do Antigo e do Novo Testamento, intercaladas por um Salmo, aleluia, Evangelho, homilia, credo ou Profissão de fé ou Credo); **liturgia eucarística** (oferendas, prefácio, Sanctus, Benedictus, cânon romano ou introdução à consagração); **rito da comunhão** (Pai-nosso, Agnus Dei, comunhão) e **ritos finais** (oração e bênção final).

A Liturgia se insere na Vida Cristã. Ela não é um mero modo de fazer determinadas coisas ou celebrações, ou simplesmente uma atividade a realizar na vida da Igreja, e sim um dos pontos fundamentais da vida da Comunidade Cristã.

A Liturgia é obra da Santíssima Trindade. O Pai é fonte e fim da Liturgia – afirmativa do Catecismo da Igreja Católica fundamentada no hino cristológico da Carta de S. Paulo aos Efésios: *"Bendito seja Deus, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a sorte de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo. Nele escolheu-nos antes da fundação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor. Ele nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo, conforme o beneplácito da sua vontade, para louvor e glória da sua graça, com a qual Ele nos agraciou no Bem-amado."*

Abençoar é uma ação divina que dá a vida e da qual o Pai é a fonte. Sua bênção é ao mesmo tempo Palavra e Dom ("bene-dictio", eu-logia"). Aplicado ao homem, este termo significará a adoração e a entrega ao seu Criador, na ação de graças.

Cristo é o grande Liturgo, o que veio para servir (Mt 20,28). Ele exerce o serviço, realiza a salvação. Fomos todos salvos por Cristo, mas, visto que somos seres temporais e existimos em sucessão, a salvação, já realizada por Jesus Cristo, põe-se em nossa vida num processo dinâmico: vamos crescendo na fidelidade ao Senhor, guiados pelo Espírito Santo. Pelo Batismo, fomos configurados ao Cristo, recebemos, por isso, do Pai Celeste o mesmo amor; somos enriquecidos pelo Espírito Santo. Devemos viver dia por dia o nosso Batismo.

"O Espírito Santo é o pedagogo da fé do Povo de Deus, o artífice das obras-primas de Deus", que são os sacramentos da Nova Aliança. O desejo e a obra do Espírito Santo no coração da Igreja é que vivamos a vida do Cristo ressuscitado. Quando encontra em nós a resposta de fé que Ele mesmo suscitou, realiza-se uma verdadeira cooperação. Através dela, a Liturgia se torna a obra comum do Espírito Santo e da Igreja. O Espírito Santo nos prepara para acolher o Cristo, recorda e atualiza o Mistério do Cristo, *nos coloca em comunhão com Cristo para formar o seu corpo.*

Na celebração solene do Batismo, logo após o ato propriamente dito do Batismo, fomos ungidos com o óleo do Crisma, para significar o que foi realizado em nós: *configurados ao Cristo pela unção do Espírito Santo.* Por Cristo fomos reconciliados com o Pai; como Cristo foi enviado pelo Pai, somos nós enviados pelo Senhor. Daí, *como Cristo, temos uma triplíce missão a realizar: a profética* (evangelização, catequese, mistagogia), a *santificadora* (sacerdotal, sacrificial) e a *régia* (pastoral, co-responsabilidade e solidariedade). O mandato da Vida Cristã se edifica sobre este tripé: missão profética, missão sacerdotal e missão pastoral.

1. Na missão profética vivemos a vocação do testemunho de Cristo, manifestamos a todos que o Pai nos ama e que enviou o Seu Filho como sinal do Seu amor. Pelo anúncio da Palavra, damos testemunho do Senhor ressuscitado, Vida para todas as pessoas. Pela denúncia do pecado, do egoísmo e da exclusão, anunciamos que Deus é o Pai para todos e que somos todos irmãos. Damos testemunho acima de tudo com a nossa vida, pois o sinal de que somos discípulos do Senhor é o amor fraterno.

2. *Na missão pastoral*, mediante os que foram colocados pelo próprio Senhor como pastores para os seus irmãos, toda a comunidade dos *fiéis é orientada e governada como uma família* unida, mas também cada um dos cristãos realiza a sua missão de pastor, na co-responsabilidade pelo bem dos seus irmãos.

3. *Na missão sacerdotal*, toda a Igreja, cada um dos cristãos e os sacerdotes ministeriais realizam a *ação santificadora*. Cristo é o verdadeiro e único sacerdote da Nova e Definitiva Aliança, mas todos os cristãos, mulheres e homens, formam o Povo Sacerdotal que, pelo Cristo, com Cristo e em Cristo, santifica a humanidade.

II - SENTIDO DA LITURGIA

Muitos assuntos referentes à Fé não podem ser definidos, pois definir é estabelecer um limite, e o que é de Deus não pode ser contido nos limites que traçamos. Aliás, mesmo com os assuntos humanos, a própria ciência tem dificuldade de traçar limites verdadeiros. Por isso se prefere, nos assuntos referentes à Fé e à Vida Cristã, fazer aproximações, descrições, tentar estabelecer conceitos, mas não fazer propriamente definições.

O II Concílio Ecumênico do Vaticano, na Constituição Sacrossanctum Concilium, diz: *"A Liturgia, pela qual, principalmente no divino sacrifício da Eucaristia, se exerce a obra da nossa redenção, contribui de modo mais excelente para que os fiéis expressem em suas vidas e aos outros manifestem o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja"*. Mais adiante nos ensina que: *"a Liturgia é tida como o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação da humanidade; e é exercido o culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, Cabeça e membros"*. Diz também que a Liturgia é *"o cume para o qual tende a ação toda da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força"*.

O texto da Sacrossanctum Concilium é fundamental para a compreensão adequada da Liturgia e a renovação da prática litúrgica, como também os documentos posteriores publicados pela Igreja; a Instrução Geral do Missal Romano e especialmente as Instruções da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e os documentos do CELAM sobre Liturgia.

Com base no que o Concílio nos ensinou, podemos ter um conceito mais claro e compreensivo da Liturgia. Ela *é em primeiro lugar ação da própria Santíssima Trindade, é ação do Cristo*, realizando seu ofício de Sacerdote, e *é a seguir ação de toda a Igreja*. Podemos dizer então que, *na Liturgia, Cristo exerce o Seu sacerdócio para a santificação de todas as pessoas e todo o povo sacerdotal exerce também o seu ofício sacerdotal*:

1. Cristo e o Povo de Deus santificam a humanidade;
2. Cristo e o Povo de Deus oferecem o Culto ao Pai.

A conseqüência é que *o celebrante principal de toda ação litúrgica é Jesus Cristo, e o segundo celebrante é todo o Povo de Deus*, povo sacerdotal. As ações sacramentais têm ainda celebrantes específicos que são celebrantes ministeriais, membros do Povo de Deus que receberam, pelo Sacramento da Ordem, a incumbência e o ministério de realizarem determinadas ações, configurados ao Cristo-Cabeça do Corpo Místico.

Na Liturgia, especialmente na Celebração da Eucaristia, temos sempre a ação do Pai que manifesta seu amor e misericórdia para conosco, a ação de Cristo que é o Sacerdote da Nova Lei, como temos igualmente a ação do Espírito Santo que age nos Sacramentos: assim como tornou Maria capaz de conceber o Verbo de Deus, torna-nos

também capazes de receber a Palavra do Senhor e de ser instrumentos da Sua ação salvadora. O Espírito Santo age igualmente na oração, pois é o Espírito que nos dá que louvemos e peçamos, identificados como Cristo, a maneira que agrada ao Pai.

Falando do amor do Pai, da ação santificadora de Cristo e do Espírito Santo na Liturgia, e da ação de todos os fiéis reunidos no Corpo de Cristo, fica patente qual a intensidade da nossa responsabilidade ao realizar a Liturgia, e quanto, na Ação Litúrgica, devemos sentir-nos compenetrados de que agimos *por Cristo, com Cristo e em Cristo*. Toda celebração litúrgica é ação de toda a Igreja, e não uma ação meramente particular qualquer dos fiéis.

No aspecto do culto público, a celebração litúrgica é culto que se presta a Deus. Por isso se dirige ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Prestamos à Santíssima Trindade o nosso culto.

III - A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

A. Elementos da Celebração.

Três dos Sacramentos da Igreja são considerados como *Sacramentos da Iniciação Cristã*: o Batismo, a Crisma e a Eucaristia. Pelo Batismo, inseridos na Vida da Trindade e na vida da Igreja, começamos a ser cristãos. Pela Crisma, conduzidos de modo especial pelo Espírito Santo para o testemunho de Cristo, somos considerados no processo de maturação na Vida de Fé, pelo assumir mais claro dessa mesma vida e do compromisso da responsabilidade pastoral. Pela Eucaristia, não só participamos do “Banquete da Fraternidade”, como somos, de modo especial, robustecidos pelo Corpo e o Sangue do Senhor, alimento para a vida e construção da comunidade, pela ação do Espírito Santo.

A Eucaristia tem o maior sentido na vida de toda a Igreja e de cada cristão. Por ela o Senhor santifica a humanidade de modo mais patente, e também por ela a Igreja, Povo de Deus, presta ao Deus da Vida o culto público e oficial. Sendo ação de Cristo e do Espírito Santo em primeiro lugar, também no aspecto cútico, a Eucaristia tem o ponto mais alto que realiza a Igreja, como nos ensinou o Concílio.

A.1. A Celebração Eucarística, é o verdadeiro sacrifício que toda a Igreja oferece ao Pai. Prestamos a Deus a verdadeira adoração, tornada plena por ser ação de Cristo e do Espírito Santo, damos ao Pai o louvor e a ação de graças verdadeiros e puros (daí a designação de Eucaristia, agradecimento), pedimos ao Senhor o seu perdão (“*pois o Senhor, aplacado pela oblação deste [Sacrifício], concedendo a graça e o dom da penitência, perdoa os crimes e pecados, mesmo os maiores*”) e pedimos as graças necessárias à nossa vida humana e cristã e o bem para todas as pessoas do mundo.

Conseqüentemente, devemos corrigir uma linguagem um tanto comum entre os comentadores e até entre os padres, ao anunciarem as intenções pelas quais se oferece a Missa. Não se pode celebrar a Santa Missa em homenagem às mães, nem aos pais, nem aos formandos, nem a algum falecido, por mais importante que seja. A Missa se oferece somente a Deus, não se oferece à Virgem Maria nem a qualquer dos santos (“*Apesar de ter o costume de, de vez em quando, celebrar Missas em honra e memória dos Santos, a Igreja ensina, porém, que o sacrifício não se oferece a eles, mas somente a Deus que os coroou*”). Uma linguagem possível para os comentadores, ao anunciarem as intenções pelas quais se aplicará a Celebração da Missa, pode ser, por exemplo: *Esta Celebração Eucarística será oferecida em adoração e louvor ao Senhor, em honra de Nossa Senhora nos seus títulos da Imaculada Conceição e do Perpétuo Socorro, em honra de Santa Luzia,*

Santo Antônio, Santa Rita, em ação de graças pelo quinquagésimo aniversário de casamento de... pelos 25 anos de casamento de ..., pelos aniversariantes desta semana ..., também em ação de graças pelos formandos de Medicina e de Magistério, e em sufrágio dos falecidos... (no 7º dia, etc.) e por todos os falecidos.

A.2. Deve-se ter em conta um elemento que é fundamental não só no Cristianismo, como também em outras confissões religiosas, e que na Igreja Cristã, a partir da Bíblia e do Judaísmo, ilumina nosso relacionamento com Deus: o **caráter dialogal da Religião**, da Vida Cristã e, conseqüentemente, das celebrações litúrgicas: Deus fala com o Seu Povo, dirige-lhe Sua Palavra de Amor, o Povo escuta e responde ao seu Deus; o Povo louva e pede ao Deus de Amor e Ele responde com maior manifestação do Seu Amor. O Pai propõe e realiza a Aliança com o seu Povo, por Jesus Cristo, no Espírito Santo.

A Assembléia Litúrgica reúne-se congregada pela Palavra de Deus, respondendo ao Seu apelo, e, por sua vez, dirige ao Pai de Amor, seu louvor e pedido.

O Povo de Deus se reúne na Casa de Deus. A Casa de Deus é o Seu Povo, Sua Igreja. A Igreja se reúne nos templos de madeira, pedra, cimento, etc., mas lembrada de que ela mesma é o templo vivo de Deus, cada cristão deve viver nessa consciência de ser templo de Deus (*“Ou não sabeis que vosso corpo é um templo do Espírito Santo que está em vós, e que recebestes de Deus?”*).

A construção e a disposição geral do templo, da igreja, deve ser de maneira a indicar e significar o Povo reunido como família unida na Casa do Pai, mas também para indicar o caráter peregrino da Igreja, daí o espaço não só para os fiéis se colocarem de pé e se sentarem, como também para se deslocarem nas procissões que ocorrem nas celebrações. Melhor que as igrejas não sejam simplesmente um salão comprido, mas que tenham forma de congregar o povo que dialoga com seu Deus.

Como é a Família dos Filhos de Deus que se reúne na Casa do Pai para ouvir Sua Palavra e celebrar os Seus louvores, na igreja, no templo, não deve haver discriminações nem separações, todos devem ter o seu lugar sem distinção, a não ser em vista do ministério que esteja exercendo na própria celebração. Assim, não se colocam cadeiras especiais para fulano ou sicrano, a não ser por motivo da própria celebração. Por exemplo, lugares reservados para as crianças na sua Primeira Comunhão Eucarística, ou para os noivos na celebração do Matrimônio, ou para os respectivos casais nas Missas de Ação de Graças pelos aniversários dos seus casamentos. As igrejas podem ter lugares adequados para crianças menores ou para idosos e doentes, em vista da sua situação peculiar.

A.3. Um dos **princípios da renovação litúrgica** contida nos documentos oficiais da Igreja, é o da participação de todos os fiéis. *“(Os pastores) promovam a ativa participação interna e externa dos fiéis... Nas celebrações litúrgicas, cada um, ministro ou fiel, ao desempenhar a sua função, faça tudo e só aquilo que pela natureza das coisas ou pelas normas litúrgicas lhe compete”*. Todos devem tomar parte ativa na celebração, todos são celebrantes, mas cada um tem uma função própria na celebração.

Assim, devemos distinguir os vários ofícios durante a celebração, dando-lhes o destaque que lhes compete:

- 3.1. **O lugar central da Eucaristia é o de Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote.** Ele está presente na Palavra: é a Palavra do Pai; está presente na Comunidade, pois quando dois ou mais se reúnem em nome de Cristo, Ele está no meio deles; Ele está presente de modo eminente na Eucaristia, no Sacramento do

Seu Corpo e Sangue. A centralidade de Cristo é significada principalmente no Altar e no Ambão, como também no Tabernáculo e no Crucifixo.

3.1.1. **O Altar é o centro da celebração** no que se refere ao Sacrifício, junto a ele fica o presidente da Celebração Eucarística na 2ª parte da Missa, isto é, na Liturgia Eucarística. O Altar deve estar colocado num ponto que seja realmente central para todo o povo, no ambiente distinto do presbitério, bastante visível para todos. Não deve ser demasiadamente grande, mas ter dimensão suficiente para a celebração. O Altar não deve figurar uma tumba, mesmo levando em conta as relíquias dos Mártires que nele ordinariamente se colocam, nem uma pedra de sacrifício em que se imolam animais com morte cruenta, e sim uma mesa de refeição, limpa e digna em vista do Cristo que nele se oferece ao Pai no verdadeiro sacrifício da Nova Aliança e em alimento para toda a Família dos Filhos de Deus. Cristo não morre na Missa: “Cristo ressuscitado dos mortos, não morre mais”. “Ele morreu uma só vez pelos nossos pecados”. A Santa Missa é, no sentido das palavras da língua latina, “renovatio, repræsentatio”: ela é renovação no sentido de que está agora nova e atuante para nós a força da ressurreição do Senhor, é representação no sentido de que se torna presente para nós agora o mesmo sacrifício, a mesma entrega de obediência de Cristo ao Pai, a mesma força salvadora da Sua Paixão e Morte na Cruz. Daí o Altar não deve ter a forma de pedra sacrificial cruenta.

- No Altar só se colocam os vasos sagrados e outros elementos necessários para a celebração da Liturgia Eucarística, isto é, para a 2ª parte da Missa. As velas, se possível, sejam colocadas ao lado do altar ou em candelabros adequados (duas ou mais velas) se não houver Círio (tendo um o outro não precisa); só se não houver onde colocá-las, se coloquem no altar, mas velas pequenas que não impeçam a visão dos fiéis para o que se realiza no Altar. Deve-se usar o Círio Pascal nas Missas do Tempo Pascal, mas se recomenda que seja também no resto do ano, aos domingos e nas celebrações do Batismo, Crisma e Primeira Eucaristia.
- Sobre o altar se coloca uma toalha ampla de mesa (tradicionalmente de linho branco, pendente dos lados), disposta de modo adequado ao estilo do altar.
- Enfeites, flores, podem ser colocados discretamente, sem impedir a visão nem ocupar espaço para o essencial da celebração, de preferência sejam colocados fora do Altar, ao lado ou no chão em frente.

3.1.2. Outro ponto da centralidade de Cristo significada na Celebração da Eucaristia e em outras celebrações é o **Ambão**, a estante especial que é o trono da Palavra de Deus. Nele é colocado e honrado o Livro da Palavra de Deus, a Bíblia ou o Lecionário. Deve ter um destaque, não ser simplesmente uma das estantes da igreja ou do presbitério. Sendo o trono da Palavra de Deus. Do Ambão se proclama a Palavra de Deus, tanto nas leituras do Antigo Testamento, quanto do Novo, e dos Evangelhos.

- O Ambão não é para o comentador, nem para o regente ou animador do canto litúrgico, nem deve ser igual a estante do comentador, uma para o padre e outra para os leigos que fazem comentários e leituras. Se for necessário, colocam-se estantes sem destaque para o comentador (fora do presbitério), para o regente do canto, ou igualmente junto à cadeira da presidência, mas de modo a não encherem o espaço para a celebração (pode haver estantes para os vários instrumentistas de orquestra), - sempre havendo a centralidade clara do Ambão, o destaque para a Palavra de Deus. O Ambão pode ser um tipo de púlpito, desde que não fique muito distante do Altar e do povo ou que não perca o significado de centralidade.
- 3.1.3. Para que o *Altar e o Ambão* tenham o *destaque necessário*, sejam ambos colocados numa área, geralmente um pouco elevada, e que seja o ponto natural de convergência da visão no edifício da igreja, no templo. Chama-se presbitério esse espaço, deve ser suficientemente amplo, de modo a permitir a realização, sem atropelos, de todas as cerimônias da Celebração, e a colocação das cadeiras para os vários ministros que atuam na celebração.
- 3.1.4. Outro ponto da centralidade do Cristo é o *Tabernáculo ou Sacrário*. Ele deve estar presente em toda a Igreja, mas o conveniente é que esteja numa capela lateral que, pelo recolhimento, ajude à oração pessoal dos fiéis fora da Celebração Eucarística. Ele não tem o sentido de centralidade na própria celebração da Missa, mas se destina a guardar com dignidade a Sagrada Reserva, o Santíssimo Sacramento, para ser levado aos doentes fora da Celebração Eucarística, e para receber dos fiéis a adoração como sinal da nossa Fé no Cristo, Nosso Senhor. Se não houver capela lateral própria, parece melhor colocar o Tabernáculo num altar próprio, distinto do altar central, ou numa coluna um pouco ao lado e ao fundo, nunca no próprio Altar da celebração.
- 3.1.5. Também é um sinal da centralidade do Cristo, a *Cruz ou o Crucifixo*, normalmente grande e colocado na parede ao fundo do presbitério, ou a Cruz processional, colocada em pedestal próprio, perto do altar, após a procissão de entrada.
- 3.2. *O Povo de Deus*, reunido pela Palavra e para o Sacrifício, tem o seu lugar ao redor do presbitério, de modo a ficar claro que ocupa logo o segundo lugar do diálogo com o Pai que lhe fala, e que celebra com o Cristo os seus mistérios, como já está indicado acima.
- 3.3. Para que as Celebrações atinjam os seus objetivos adequadamente, vários *ministérios* são desempenhados, seja por ministros ordenados (Bispo, Presbítero, Diácono) seja por ministros não ordenados (ministros da Eucaristia, Acólitos, Leitores...), mas instituídos ou simplesmente designados.
- 3.3.1. Temos o *ministério da Presidência*, exercido, na Celebração Eucarística, necessariamente pelo Bispo ou por um Presbítero, que, pela Ordenação Presbiteral, receberam esse encargo e capacidade que

os constitui nesse grau de serviço aos irmãos. Não pode haver celebração do Sacrifício da Missa, do Sacramento da Eucaristia, sem o Presbítero. Todo o Povo de Deus é celebrante, mas apenas os bispos e os presbíteros, celebrantes ministeriais, podem realizar a Consagração do pão e do vinho, a Transubstanciação. (Na celebração do Batismo, a presidência pode ser exercida pelo Diácono ou por um ministro não ordenado. Em celebrações não sacramentais, qualquer membro do Povo de Deus pode exercer a presidência.)

A cadeira do presidente coloca-se no fundo do presbitério, de modo que possa ver e ser visto pelos fiéis, exercendo o seu ministério. De lá o presidente conduz os ritos iniciais e acompanha a Liturgia da Palavra (1ª parte da Missa), só indo para o Altar na Liturgia Eucarística. Também fica junto à cadeira nos ritos de despedida. - Pode ser colocada ao lado, um pouco para trás, se não houver condição de ficar ao fundo do presbitério.

- 3.3.2. Outro ministério é do **Diácono**, ou diáconos, que servem diretamente ao Altar, ajudando o Presbítero presidente no seu ofício. Compete ao Diácono proclamar o Evangelho (do Ambão), preparar o pão e o vinho, colocando-os adequadamente sobre o corporal (pequena toalha) no centro do Altar, distribuir a Comunhão Eucarística com o Presidente, se necessário, recolher a Sagrada Reserva nos cibórios ou píxides ao Tabernáculo, dar alguns avisos e despedir a Assembléia. Na ausência de outros ministros, o Diácono assume suas tarefas.
- 3.3.3. O **Acólito**, oficialmente instituído, como os *Ministros Extraordinários da Eucaristia*, cujo ministério é prioritariamente a catequese eucarística e levar a Sagrada Comunhão Eucarística aos enfermos e idosos, podem ajudar aos presbíteros e diáconos, distribuindo também a Eucaristia na Missa, se for necessário. Fora de caso extraordinário, como de saúde ou velhice, não se pode admitir que os acólitos e os ministros extraordinários da Eucaristia a distribuam na Missa, em substituição e ficando sentados Bispo, Presbíteros ou Diáconos, pois estes foram ordenados também para a distribuição da Sagrada Comunhão. Os leigos têm o direito de fazê-lo, os ministros ordenados têm o dever.
- 3.3.4. Os **Leitores**, igualmente instituídos, ou outros fiéis convenientemente preparados, são encarregados de proclamar as Leituras do Antigo e do Novo Testamento, exceto o Evangelho.
- 3.3.5. O **Salmista** é encarregado de proferir, cantando alternadamente com a Assembléia, ou rezando, o Salmo responsorial, podendo também fazê-lo em solo, se for adequado, cantando toda a assembléia o refrão.
- 3.3.6. **Os apresentadores das intenções para as preces dos fiéis**. Devem apresentar, lendo ou cantando, competindo a toda a Assembléia proferir, de preferência cantando, sua resposta de prece (Por exemplo: “Senhor, atendei-nos!” ou “Senhor, escutai a nossa prece!”). É incorreta a maneira como vêm as preces em vários folhetos, em que

cada intenção já figura como prece apresentada ao Senhor (Pai, concedei-nos), sobrando para a Assembléia apenas confirmar a prece. O certo é apresentar o motivo ou o conteúdo ao Povo (Para que o Senhor nos conceda chuva e sol nos tempos devidos, e assim nós possamos superar as situações de fome e de miséria, roguemos ao Senhor!), e então todo o Povo é que reza ao Senhor.

- 3.3.7. **O Comentador** é encarregado de fazer os comentários explicativos prévios à Celebração, às Leituras, etc., dando os avisos que se façam necessários ao bom encaminhamento da Ação Litúrgica, visando principalmente à participação frutuosa de todos os fiéis. Seu lugar é fora do presbitério, tendo o destaque necessário à sua função. Os avisos sejam dados de modo a não interromper o nexo do pensamento, por exemplo, não se anunciem os números dos cânticos imediatamente depois das leituras, muito menos do Santo após o Prefácio, mas em momento anterior oportuno. O comentador esteja lembrado de que ele ajuda à comunidade na Ação Litúrgica, mas não desempenha o ministério da presidência.
- 3.3.8. **O Regente ou dirigente do canto litúrgico**, também fora do presbitério, assume sua função para a participação frutuosa de todos na Ação Litúrgica.
- 3.3.9. **O Coral** tem por função ajudar a todos os fiéis na execução adequada dos cânticos, podendo cantar em diálogo com a Assembléia dos fiéis (por exemplo estrofes, deixando o refrão para todos), ou simplesmente ajudar cantando com todo o Povo. Não deve cantar em substituição à Assembléia. Daí a importância de se fazerem os ensaios com todo o Povo.
- 3.3.10. **A Orquestra ou o conjunto de instrumentos musicais** tem por função ajudar a sustentar o canto litúrgico, embelezando sua execução. Pode haver parte apenas instrumental em momentos que não perturbem a Ação Litúrgica nem ocupem o silêncio devido, por exemplo, antecedendo ou prolongando o canto da procissão de entrada durante a incensação, algum momento após a procissão de ofertas.
- 3.3.11. **Os coroinhas ou acólitos** não instituídos têm o ofício de ajudar no serviço do altar, levando os vasos sagrados e o mais que for necessário, ajudando ao presbítero que preside e ao diácono. Destacam-se entre eles o Cruciferário, encarregado de levar a Cruz processional nas procissões de entrada e de saída, o Turiferário, encarregado de levar o turíbulo e o incenso e apresentá-los ao presidente e ao diácono, como também de incensar a Assembléia dos Fiéis.
- 3.3.12. **O Cerimoniário** prepara a Ação Litúrgica, especialmente os ministros, e orientam seu desempenho durante a Celebração, indicando-lhes os lugares adequados e os momentos de exercer seus ofícios.

B. Critérios de preparação.

A Celebração Eucarística, para ser feita com bastante fruto para todos os fiéis que estejam presentes à mesma, ajudando-os a participar ativamente, deve ser cuidadosamente preparada. Dessa preparação devem participar todos os que desempenhem nela algum ministério, principalmente o presidente, o diácono, o comentador, o regente do canto, mas deveria contar, na medida do possível, com a participação mais ampla dos demais fiéis.

B.1. Deve-se levar em conta, para a escolha dos cânticos e textos, o **Tempo Litúrgico** em que se esteja no decorrer do **Ano Litúrgico**, esse é o primeiro critério a ser seguido. O Ano Litúrgico contém três grandes tempos:

- 1.1. *Advento, Natal e Epifania*, celebrando a vinda do Senhor.
- 1.2. *Quaresma, Páscoa*, culminando com Pentecostes, celebrando os mistérios da Paixão, Ressurreição e Glorificação do Senhor.
- 1.3. *Tempo comum*, celebrando o ministério profético do Senhor, Sua presença de anúncio e testemunho da Palavra, etc.

B.2. O *Calendário Litúrgico* indica o momento do Ano Litúrgico em que estamos, a solenidade, a festa, as memórias a celebrar. Traz ainda outras indicações sobre as celebrações e variações possíveis.

B.3. Os *Livros Litúrgicos* são necessários não apenas para a celebração reta, como também para a sua preparação. Além dos elementos indicados nos itens 1 e 2, são necessários ainda outros critérios para a escolha dos cânticos:

- 3.1. A Antífona de Entrada: o Missal apresenta antífonas próprias para as solenidades, as festas, os dias de semana dos tempos privilegiados (Advento, Natal, Quaresma, Páscoa) e várias memórias. Na falta de texto próprio, se recorre ao texto do comum respectivo. Traz, em geral, o tema da celebração do dia.
- 3.2. As Leituras apresentadas pelo Lecionário: seu sentido ajuda a compreender o tema da Celebração, conseqüentemente a escolher adequadamente os cânticos.
- 3.3. As Antífonas de Comunhão, também apresentadas pelo Missal, geralmente uma dos Salmos, outra tirada do Evangelho, dão indicação sobre o tema da Celebração.

B.4. *Outras circunstâncias da Celebração*, por exemplo: Primeira Eucaristia, Batismo, Crisma, Ordenações, Profissões Religiosas, Matrimônio.

B.5. É muito importante que se leve em conta também *o momento*, à parte da *celebração*. O tema é indicação para a escolha geral dos cânticos, mas cada um deve corresponder ao momento próprio da celebração: procissão de entrada, de ofertas, etc. Há cânticos que, por simples costume recente, estão sendo cantados em grande parte do Brasil na procissão da Comunhão, e que nada têm a ver com a Comunhão (por exemplo: "A Barca", que é um canto vocacional, podendo eventualmente usar-se para a procissão de entrada, melhor não ser na Missa). Às vezes cantam na entrada o que, pelo sentido e pela composição, é um cântico de saída, de envio (*Vou seguir teu apelo, Senhor, ... E pelo mundo eu vou...*). Infelizmente a maioria dos livros disponíveis é de péssima qualidade redacional e de apresentação. O desejável é ter os cânticos agrupados por temas (Missas temáticas), como no livro das Vozes, Vamos Cantar. A CNBB publicou três volumes de boa qualidade, seguindo os tempos litúrgicos.

C. Ritos da Celebração Eucarística.

Feita a preparação necessária, o preferível seria que todos os fiéis que vão realizar a Celebração, isto é, todos os que irão à Santa Missa, se reunissem num local fora da Igreja da Celebração, uma outra Igreja, um salão adequado, uma praça, para de lá partirem em procissão para a igreja em que será celebrada a Eucaristia. Não sendo

possível, reunam-se pelo menos o presidente e outros presbíteros, os diáconos e outros ministros, os leitores, nesse outro local ou na sacristia da própria Igreja da celebração.

C.1. Ritos iniciais.

1. A *Procissão de Entrada* se arruma desta maneira: à frente o turiferário com o turíbulo, após o presidente colocar o incenso e benzê-lo; depois o cruciferário, levando a cruz processional, ladeado por dois tocheiros ou coroinhas com velas acesas; a seguir os coroinhas; os leitores; salmistas; e outros ministros não instituídos, ministros extraordinários da Eucaristia, acólitos instituídos, leigos cuja presença tenham uma relação especial com o motivo da celebração (por exemplo: casais em jubileu), então o diácono com o Livro dos Evangelhos, o Lecionário ou a Bíblia, os diáconos, os presbíteros concelebrantes e, finalmente, o presbítero presidente, seguido de perto por dois diáconos que servem ao altar. Estando presente o Bispo, normalmente ele preside, indo depois dele dois ministros que o ajudam. Em geral já devem estar na Igreja o comentador e o regente do canto litúrgico (a não ser que todo o povo vá em procissão) no desempenho dos seus ofícios. No momento previsto para o início da celebração, a procissão parte em direção à Igreja, entoando o cântico de entrada que se prolongará até que todos estejam em seus lugares na Igreja e que o presidente tenha incensado o altar e chegado à sua cadeira. Permite-se o solo de órgão ou da orquestra, antecedendo ou completando o cântico de entrada (por exemplo enquanto ainda dura a incensação). Passando diante do Tabernáculo com o Santíssimo Sacramento, todos fazem genuflexão, adorando o Senhor. Para o Altar, todos fazem inclinação do corpo, em reverência ao Cristo, nele simbolizado. Os que levam a Bíblia, a Cruz e as velas, não fazem inclinação nem genuflexão. A Cruz processional será colocado no seu pedestal. O Livro dos Evangelhos ou a Bíblia será colocada no centro do Altar, na parte da frente.

2. O presidente inicia com o sinal da cruz e saúda a todos os fiéis presentes e pode, em breves palavras, indicar um dos sentidos da celebração. Ele mesmo introduz o ato penitencial que pode ser confiado ao comentador, ao coro ou outros fiéis. No fim do ato penitencial, pronuncia as palavras deprecatórias de perdão, entoando-se ou rezando-se a seguir o "Senhor, tende piedade de nós", correspondente ao pedido das graças atuais.

Colocar-se na presença da Cruz do Senhor como Salvador, é reconhecer que nós temos necessidade de ser salvos. Eis o momento reconhecer e suplicar o perdão dos pecados.

Entoa-se, a seguir, o Glória que deve ser cantado por todos ou recitado, nos Domingos (exceto no Advento e na Quaresma), nas solenidades e festas. Há a recomendação explícita nos documentos oficiais, para que não se contente com pequenos textos ou hinos em substituição ao Glória, mas que se cante ou reze integralmente o texto do Missal, de grande tradição na Igreja, um dos hinos cristológicos mais antigos.

3. Os ritos iniciais terminam com a Oração do dia. O presidente convida a Assembléia a orar, ficam todos em silêncio durante um período de tempo, orando nos seus corações, depois o presidente profere a oração e todos respondem: Amém. Esta oração se chama "*coleta*". Ela exprime a índole da celebração e dirige pelas palavras do presidente uma súplica a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo. O povo ouvindo a súplica e dando assentimento, faz sua a oração pela aclamação do amém.

C.2. Liturgia da Palavra.

A parte principal da liturgia da Palavra é constituída pelas leituras tiradas da Sagrada Escritura com os cantos que se intercalam; mais a homilia, a profissão de fé e a oração universal.

1. Se for oportuno, após os ritos iniciais, faz-se a procissão trazendo a Bíblia, se não veio já na procissão de entrada, com o canto de aclamação cantado por todos os fiéis. Nesse caso a Bíblia ou o Lecionário será colocada imediatamente no Ambão. Depois de receber a Palavra de Deus, todos se sentam, o comentador fará a introdução, em palavras breves, para a leitura e indicará o salmo responsorial, o leitor aproxima-se do Altar, faz inclinação do corpo em reverência ao Cristo nele simbolizado, e, tomando o Livro nas mãos, caso já não esteja no Ambão, dirige-se ao Ambão, apresenta o Livro à Assembléia e, colocando-o de novo no Ambão, proclama a Palavra de Deus, cantando no fim ou dizendo, ao mesmo tempo apresentando o Livro ao Povo: Palavra do Senhor! ao que todos respondem: Graças a Deus!

2. Após a primeira leitura, pode haver um breve momento de silêncio meditativo, senão o salmista, tendo ido até o Ambão, entoia o refrão do Salmo responsorial, todo o povo responde, o salmista prossegue, lendo ou cantando o Salmo, e o povo intercala com o refrão. O Salmo responsorial é parte integrante da celebração, não deve ser suprimido nem substituído, senão por texto do mesmo sentido. Pode ser cantado também como um hino por todos.

3. Terminado o Salmo responsorial, o comentador indica o sentido da segunda leitura, outro leitor aproxima-se do Ambão e, da mesma forma que o primeiro, proclama claramente a Palavra de Deus, apresentando-a ao povo no começo e no fim e cantando ou dizendo no final: Palavra do Senhor! Todos respondem igualmente: Graças a Deus!

4. O comentador, então, faz a introdução ao Evangelho e indica, ou faz isso o regente, qual a aclamação, caso ainda não esteja indicada. Enquanto isso, o turiferário e o diácono aproximam-se do presidente, apresentando o turíbulo e a naveta, o presidente coloca incenso no turíbulo e o abençoa. Entrementes todo o Povo canta a aclamação ao Cristo que nos falará. Se o Livro dos Evangelhos não tiver sido trazido na procissão de entrada, o diácono, ladeado por dois tocheiros, o traz, então, processionalmente, pelo centro da Igreja, enquanto o povo de pé o aclama. O diácono que vai proclamar o Evangelho, inclinado diante do presidente, pede a bênção. Se for um presbítero que proclame o Evangelho, na falta de diácono, ele faz a oração pedindo a bênção, inclinando diante do Altar. Se o presidente for bispo, também o presbítero lhe pedirá a bênção. Toma então o Livro dos Evangelhos do centro do Altar e o conduz, entre dois tocheiros, ao Ambão. Fazendo-se a procissão com o Livro pelo centro da Igreja, o diácono que o leva, já o colocará diretamente no Ambão.

5. Chegando ao Ambão, o diácono que vai proclamar o Evangelho saúda a todos os fiéis e lhes apresenta o Livro, anunciando o texto: Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo escrito por S ..., respondendo todos a saudação e a apresentação. O diácono incensa o Livro dos Evangelhos (e o Círio Pascal, se lá estiver aceso). De pé, todos escutam atentamente o Evangelho, voltados para o mesmo (especialmente os concelebrantes presentes no presbitério). Não deve ser acompanhado, lendo o texto em volante ou folha (jornalzinho), como também não as outras leituras da Palavra de Deus, mas deve ser escutado e acolhido por todos. No final, novamente apresentando o Livro ao Povo, o diácono canta (ou diz): Palavra da Salvação! e todos respondem: Glória a Vós,

Senhor! Pode-se aclamar também com palmas, instrumentos e expressão corporal. Depois todos se sentam e se faz um momento de silêncio meditativo.

6. O presidente, então, da sua sede ou de lugar mais adequado para a comunicação com todos, profere a homilia, mostrando o sentido da Palavra de Deus que nos foi proclamada nas três leituras da Bíblia, procurando entendê-la como Palavra Viva que nos fala na situação atual, e vivenciando-a na Celebração do Mistério do Corpo e do Sangue do Senhor. Não deve passar de 5-7 minutos. A homilia faz parte da própria Liturgia, a qual é indispensável para nutrir a vida cristã. Convém que seja uma explicação de algum aspecto das leituras da Sagrada Escritura ou de um outro texto do Ordinário, levando em conta tanto o mistério celebrado, como as necessidades particulares dos ouvintes.

7. Após a Homilia, caso não tenha sido feito antes, pode-se fazer um momento de silêncio para interiorização. Então o presidente, nos Domingos e Solenidades, ento o Creio, devendo-se proferir, pelo menos nos dias mais adequados como Natal, Anunciação, Páscoa, Ascensão e Pentecostes, o Símbolo Niceno-Constantinopolitano, revezando-se, em outros domingos, com o Símbolo Apostólico. Não deve ser substituído por cânticos alusivos à Fé ou à vida, muito menos por outros. Certos cânticos que aparecem, são adequados para reunião de crianças ou adolescentes, para procissões, mas não para a profissão de Fé na Celebração Eucarística. Cultive-se a Fé, também por sua proclamação e expressão comunitária. No canto ou na recitação do Creio, quando se usa o Símbolo Niceno-Constantinopolitano, todos os fiéis fazem inclinação do corpo ao proferir as palavras alusivas ao Mistério da Encarnação ("... e se encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e se fez homem."), mas, no dia do Natal do Senhor e na Solenidade da Anunciação do Senhor, todos se ajoelham a essas palavras, adorando o Filho de Deus em Sua Encarnação.

8. Faz-se então a oração universal dos fiéis, cujo modelo mais elaborado encontramos nas orações solenes da Sexta-feira Santa. O presidente convoca todos os 'irmãos' para a oração, introduzindo-a, se oportuno, por um tema ligado à homilia, e então, da estante do comentador, o ministro apresentador das intenções, apresentam-nas aos fiéis para que façam as preces. Após cada intenção ou grupo de intenções, todos oram ao Senhor, exprimindo em comum sua oração ("Senhor, ouvi-nos!", ou: "Senhor, atendei nossa prece!", ou outras resposta própria do povo), se possível com sua resposta cantada.

C.3. Liturgia Eucarística.

A Liturgia Eucarística, na sua totalidade, recorda e renova para nós os gestos e as palavras do Senhor, conforme o destaque que faz a Instrução Geral do Missal Romano e a última instrução da CNBB sobre a Sagrada Liturgia: Jesus tomou o pão ... o vinho..., deu graças, partiu o pão, distribuiu (o pão e o vinho) a Seus discípulos, dizendo: "Tomai e comei, isto é o Meu Corpo; tomai e bebei, este é o Cálice do Meu Sangue." Por isso ela se desenvolve em três momentos: ***preparação das oferendas, oração eucarística e comunhão.***

C.3.1. Preparação das Oferendas.

A Liturgia Eucarística inicia com a procissão das ofertas: um grupo de fiéis leva em procissão ao altar, o pão e o vinho que serão oferecidos e consagrados, como também objetos que serão usados no serviço do altar e pelos ministros: corporal, pala, cálice, patena, píxide (cibório), sangüíneo, galhetas com vinho e água, jarra com água, bacia e manutégio. Leva-os e entrega-os ao presidente ou ao diácono ou acólitos (ou coroinhas).

Outros fiéis podem levar como ofertas, objetos significativos da Fé e da caminhada da comunidade, como instrumentos de trabalho, não os colocando sobre o altar, mas ao pé do mesmo ou em uma mesa pequena a isso destinada. Durante a procissão das oferendas, todos os fiéis cantam um cântico adequado ao momento. Não havendo procissão, convém que não haja canto, mas que se estabeleça o diálogo do presidente com o povo. Convém que a procissão das oferendas seja continuada por todos os fiéis que farão sua oferta pessoal, de preferência em gêneros alimentícios e objetos de uso, mas pode ser em valores, para o serviço da comunidade e especialmente dos mais pobres, todos acompanhando a procissão, mesmo os que nada depositem materialmente. Terminado o canto, permite-se o solo de órgão ou dos instrumentos musicais, enquanto durar a procissão, devendo parar logo que termine a procissão.

O diácono, recebendo corporal, pala, sangüíneo, cálice, patena e cibório, coloca-os sobre o ângulo direito do altar, passando a preparar as oferendas: coloca no meio do altar o corporal com o direito para cima (o qual deve ser dobrado pelo avesso) e sobre ele a patena e o cibório com a hóstia e as partículas para serem oferecidas e consagradas. Sobre a credência (pequena mesa para os objetos, colocada no presbitério um pouco ao lado do altar, mas não junto dele) os coroinhas colocam as galhetas com o vinho e a água, a bacia, o jarro, e o manutégio. O diácono é quem prepara o Altar e o Cálice, vai ao lado do altar, coloca o cálice sobre o manutégio e recebe dos coroinhas a galheta do vinho, depois a da água, preparando o cálice. A seguir convida o presidente que, junto ao meio do altar, faz oferta do pão e depois do vinho, e reza a oração pedindo a aceitação da oferta do Povo de Deus, recitando a oração própria, a que todos os fiéis aclamam, de preferência cantando: Bendito seja Deus para sempre, ou com expressões semelhantes.

O diácono e o turiferário apresentam ao presidente o turíbulo e a naveta, o presidente põe o incenso e o abençoa, incensa as oferendas, o altar e o crucifixo (e imagens ao lado). O diácono ou o turiferário, após incensar o presidente, vai incensar a comunidade na frente do presbitério. A assembléia fica de pé para a incensação, respondendo à reverência antes e depois com a inclinação da cabeça.

No espaço entre o altar e a credência, dois coroinhas apresentam ao presidente o jarro com água e a bacia, para ele lavar as mãos, e o manutégio, para enxugá-las. Havendo apenas um coroinha, melhor é deixar o manutégio sobre o ângulo do altar, um pouco elevado, servindo a água um pouco mais perto do altar, no lado direito, de modo que o presidente saia efetivamente do altar.

Voltando ao meio do altar, o presidente convida a assembléia à oração, o povo responde e o presidente profere a oração sobre as oferendas. No Brasil é costume que, nesse momento todos os fiéis já estejam de pé. Fora, em geral só vão levantar-se no diálogo introdutório do prefácio.

C.3.2. Oração Eucarística.

Depois de tomar o pão e o cálice com vinho em Suas mãos, o Senhor deu graças. A Igreja repete o gesto e as palavras do Senhor, com a anáfora, ou prece eucarística, também chamada de Cânon da Missa. A anáfora é privativa do presidente e dos concelebrantes ordenados como sacerdotes ministeriais, pois a eles compete, em nome de toda a Igreja e agindo configurados ao Cristo, Cabeça da Igreja, realizar o mistério da Transubstanciação, a mudança do pão e do vinho no Corpo e no Sangue do Senhor. Toda a assembléia dos fiéis concelebra, participa da oblação, além das disposições interiores, mediante as aclamações, principalmente o grande Amém final.

O presidente inicia a anáfora com o diálogo com a assembléia, de preferência cantado. Depois profere, cantando ou rezando, o prefácio adequado ao tempo, ao dia ou à celebração. Em alguns prefácios, a assembléia interfere com aclamações. O canto do

prefácio deve ser sem acompanhamento de instrumentos (a capela), eles podem dar o tom e acompanhar as respostas. Ao fim do prefácio, com todo o entusiasmo, a assembléia canta o "Santo", canto de origem bíblica, e que deve ser cantado por todos, se for oportuno com a introdução cantada pelo coral, ou alternando coral e povo. É o principal cântico durante a Missa, o que significa que deveria ser cantado com mais obrigação que outros cânticos. Não deve ser substituído por outros cânticos ou aclamações, oportuno em outras ocasiões fora da celebração da Eucaristia.

Terminado o canto do Santo, o presidente profere a oração eucarística, se for o caso, alternando com alguns dos concelebrantes ordenados, toda a assembléia interferindo mediante as aclamações adequadas, de preferência cantadas. O povo continua de pé até a aclamação que segue a epiclese (invocação do Espírito Santo sobre as oferendas) quando fica de joelhos, ao toque da campainha pelo acólito ou coroinha.

Durante as palavras da Consagração, proferidas pelo presidente e concelebrantes ordenados, todos ficam em silêncio e adoram o Senhor presente nas espécies eucarísticas, com Ele oferecendo seu sacrifício e adoração pessoal ao Pai. Não deve haver solo de instrumentos nem cânticos, apenas as aclamações previstas no caso de Missa para crianças. Após as duas elevações, em que o presidente apresenta a todos o Corpo e o Cálice do Sangue do Senhor, todos se levantam e o presidente proclama: "Eis o mistério da Fé!", ao que todos aclamam, de preferência cantando, com uma das fórmulas indicadas ou semelhantes. Às duas elevações, o coroinha toca a campainha, recomendando-se o sinal adequado do sino ou carrilhão da igreja, para que todos, também os ausentes, se unam à oferta do sacrifício do Senhor.

Após a Consagração e elevação, o presidente e os concelebrantes ordenados continuam a Oração Eucarística com a oferta do Senhor e da Sua Igreja, a segunda epiclese (pedindo que o Espírito Santo reúna num só corpo os que se alimentam do mesmo pão eucarístico), e pedem pelos vivos e falecidos. A oração eucarística termina com a solene Aclamação e Elevação em que toda a Igreja apresenta, por Cristo, com Cristo e em Cristo, o pleno louvor ao Pai, aclamando todos, sempre que possível cantando, o grande AMÉM, que é a mais importante resposta de participação e aclamação de toda a Celebração Eucarística, que deve reboar com todo o entusiasmo e pode ser desdobrada em aclamação maior, como vem indicado no Missal.

C.3.3. Rito da Comunhão.

Os Evangelhos relatam o gesto de Jesus, partindo o pão e entregando-o como alimento aos discípulos. Esse gesto a Igreja retoma nesta terceira parte da Liturgia Eucarística.

Feita a introdução pelo presidente, toda a assembléia canta ou reza, com muita piedade e união, o "Pai nosso", pelo qual, a família dos filhos de Deus, sentindo-se realmente acolhida pelo Amor do Pai e manifestando o acolhimento mútuo dos irmãos e irmãs, se prepara mais proximamente para participar da mesa da Eucaristia. O "Pai nosso" sempre deve ser cantado ou rezado, paráfrases ou cânticos semelhantes podem servir como preparação para ele, ou como desdobramento. De preferência, todos os fiéis acompanhem os concelebrantes ordenados no gesto de cantá-lo de braços elevados, orando ao Pai. O gesto de mãos dadas fica melhor na oração da paz.

Depois do "Pai nosso", o presidente profere seu embolismo (desdobramento), e a assembléia aclama. Depois o presidente profere a oração pela paz na Igreja e no mundo, todos respondendo "Amém". A seguir vem o gesto de acolhimento, o abraço da paz, que deve ser dado com naturalidade e sobriedade, cada um cumprimentando os vizinhos. Não é adequado sair em busca de amigos, para cumprimentá-los, para que não haja discriminação; nas assembléias numerosas é praticamente impossível que todos abracem

a cada um dos irmãos e irmãs, por isso parece melhor só cumprimentar mesmo os vizinhos, sem escolha, deixando para a saída da celebração, outros cumprimentos.

Vem então o gesto da fração do pão, pelo qual se designou a Celebração Eucarística nos tempos apostólicos. Enquanto o presidente e os diáconos partem as hóstias para a comunhão, a comunidade canta o "Cordeiro de Deus". Deve-se dar o destaque adequado a esse gesto e rito, lembrando, de vez em quando, seu significado para a vida fraterna e solidária de todos. Isso nos introduz quase imediatamente na participação da partilha que fez o Senhor.

Depois de uma pequena oração preparatória, o presidente apresenta a todos o Cristo, nosso alimento: "Eis o Cordeiro de Deus..." e todos respondem com as palavras: "Senhor, eu não sou digno (digna)...". Enquanto o presidente e os concelebrantes ordenados comungam, toda a assembléia inicia o cântico da procissão da comunhão: todos os que vão comungar sacramentalmente dirigem-se aos lugares adequados, em geral junto ao presbitério, para receberem o Corpo e o Sangue do Senhor. Os ministros ordenados devem distribuir a Comunhão, podendo ser ajudados por outros. Quando o ministro apresenta a cada um a Hóstia, dizendo: "O Corpo de Cristo!", o comungante responde: "Amém!" manifestando a sua fé no mistério do Senhor presente nas espécies do pão e do vinho, e o seu desejo de ficar em comunhão com ele. Na recepção do Corpo do Senhor nas mãos do comungante, deve haver sempre o cuidado de colocar uma das mãos (esquerda, para os dextros; direita, para os canhotos) como bandeja ou mesa, nela recebendo a Hóstia Consagrada, ou sobre ela colocando a outra mão com que se segura diretamente a Hóstia ou Partícula. O comungante deve colocar a Hóstia na boca e consumi-la, antes de retirar-se para o seu lugar.

Quando terminar a Procissão da Comunhão, deve terminar também o canto. Todos ficam sentados, em silêncio meditativo, falando com o Senhor em seus corações. Enquanto isso, os diáconos ou o presidente recolhem as partículas que sobraram e as colocam no cibório, levando-o ao Tabernáculo ou Sacrário. Os ministros extraordinários da Eucaristia podem ajudar nesse mister e levar os cibórios ao sacrário. Então o diácono, ou o presidente, tendo consumido o que restar do Vinho Consagrado, recolhe para credência o cálice e a patena, para serem lavados depois da celebração. Podem também purificá-los na própria credência, um acólito servindo a água e o diácono purificando o cálice e consumindo-a. Depois o enxuga cuidadosamente, arrumando cálice, patena, sangüíneo e corporal de modo adequado. Depois de consumido o Preciosíssimo Sangue, a purificação dos vasos sagrados é da competência do acólito instituído que faz às vezes dos antigos subdiáconos. Pode haver algum salmo ou cântico de louvor, após a Comunhão Eucarística, mas convém, o mais possível, guardar o tempo de silêncio sagrado, não o enchendo nem de canto nem de comentários, mas deixando o silêncio para o Senhor ser escutado, para o diálogo interior com Jesus.

C.4. Ritos Finais.

Após o silêncio sagrado que seguiu à Comunhão Sacramental, o presidente, de pé junto à sua cadeira, convida a assembléia à oração e, estando todos de pé, profere a oração final da Missa, a que todos respondem: Amém!

Se for mais adequado, novamente a assembléia se senta, fazem-se as comunicações e se dão os avisos necessários para a comunidade, de modo claro e breve. Se forem muitos os assuntos e motivos a se comunicarem, convém que os responsáveis pelos vários setores na vida da comunidade, dêem os respectivos avisos, envolvendo assim a comunidade na vida e na atividade dos diversos setores de pastoral, etc.

Depois de dados os avisos, o presidente pode ainda dirigir a todos uma brevíssima exortação e, estando todos de pé, saúda a todos e os abençoa, proferindo uma das

fórmulas de bênção, variando de acordo com o tempo litúrgico e a celebração. Em seguida, envia a Assembléia para a sua missão no meio do mundo: "Levai a todos a alegria do Senhor ressuscitado. Ide em paz, e o senhor vos acompanhe!". A Assembléia, assumindo a sua missão, animada pela graça do Cristo e do Espírito Santo, responde confiante e corajosa: "Graças a Deus!". É inadequado dizer: "Vamos em paz", ou "fiquemos em paz", pois o momento é de envio oficial da Igreja para a sua missão: Como Cristo enviou os Apóstolos, o presidente, agindo na Pessoa de Cristo, envia a comunidade dos fiéis para dar testemunho Dele. A comunidade, então, dada a resposta de aceitação e compromisso, se retira, enquanto todos cantam um cântico de envio ou de despedida. É de todo conveniente que, à saída do povo, possam os ministros ordenados e os demais, cumprimentar pessoalmente os fiéis às portas da igreja, ou todos se dirigirem para um átrio ou local adequado em que possam conversar e confraternizar.

Se, depois da Celebração Eucarística, seguir logo uma outra celebração litúrgica, omite-se os ritos finais da Missa.

IV – A EQUIPE DE LITURGIA E SUAS FUNÇÕES

A adaptação é a ação da Igreja que, no exercício de sua missão pedagógica, renova as formas litúrgicas para comunicar com maior eficácia pastoral a vida de Cristo aos homens e fazer com que o culto ao Pai seja mais participado.

1. Equipe de Liturgia

Para falarmos sobre Equipe de Liturgia não devemos ir logo falando nas "funções" de cada um na celebração, mas devemos primeiramente fazer uma reflexão sobre a Palavra Equipe.

Equipe é um grupo de pessoas que trabalham harmoniosamente.

Em primeiro plano, podemos deduzir que: são pessoas que se entendem! Uma equipe existe, e só tem sentido de existir, se tiver um grande ideal, motivo, conquista etc. É justamente isto que move uma equipe, que vai impulsioná-la na busca de suas realizações.

Uma Equipe de Liturgia existe para um grande trabalho, uma grande realização: animar as celebrações.

Para animar, a Equipe não pode ser desanimada. Para isto tem que estar preparada e ser bem entrosada, o que, aliás, é o segredo de grandes vitórias das diversas equipes.

Como vimos acima, uma Equipe tem uma causa comum. A causa da equipe de Liturgia é justamente o significado da palavra Liturgia: "Serviço"! A Equipe deve gostar de trabalhar; deve ser apaixonada pelo que faz, pois o amor é criativo. O amor não deixa nada faltar, nada esquecer e nem desanima. Por isso, amor e serviço caminham juntos. Afinal, porque as mães têm tanto trabalho com os filhos? Assim deve ser o amor, a postura e o objetivo de uma Equipe de Liturgia.

2. Quem faz parte da Equipe de Liturgia?

Muita gente pensa que Equipe de Liturgia é composta somente por cantores e leitores. Não é só isto, não! Além dos cantores e leitores, temos: comentaristas, instrumentistas, salmistas, recepcionistas, sonoplastas e, se possível, decoradores e cartazistas que, com sua criatividade, colocarão cartazes e símbolos para que o "visual" também esteja a serviço da Palavra.

Todas estas pessoas têm um ministério litúrgico a ser desenvolvido. E para isto se faz necessário um crescimento embasado numa vivência de oração e unidade constante. A elas compete preparar as reuniões, planejar as celebrações, tudo em perfeita sintonia. Também em perfeita sintonia com a equipe deve estar o pároco ou o que irá presidir a celebração.

3. Funções de cada membro da Equipe

A. Cantor

Ao cantor cabe a função de *animar a celebração* com os cantos e hinos litúrgicos. Deve ter boa voz, bom ouvido musical, senso rítmico e muita comunicação com a assembléia dos fiéis. É o cantor que, após o comentário inicial, anunciará o canto. Ele deve estar na Igreja pelo menos vinte minutos antes do início da celebração para ensaiar os cantos com a assembléia, mesmo que estes sejam conhecidos e hajam poucas pessoas.

Técnicas para ensaiar os cantos

Nem sempre uma bela letra ou melodia chamam a atenção, caso não sejam apresentadas devidamente. Quando um cantor apresentar um canto novo para a assembléia, deve sempre tomar o cuidado de apresentá-lo bem, pois é disso que vai depender a participação do povo na celebração.

Aí estão algumas regras que, bem seguidas, garantirão uma real vivência do que se está cantando:

1). Nunca dizer que o canto é difícil ou feio! É bom recordar que *os cantos a serem usados na celebração não devem ser escolhidos por sua beleza, mas pelo seu conteúdo textual correspondente ao assunto da celebração*. Mas lembro que melhor será se houver cantos correspondentes e bonitos. Deve-se dizer que o canto é *fácil, de conteúdo bíblico, ou inspirado na Bíblia* (que são critérios de cantos litúrgicos), e que deste momento em diante fará parte do repertório da comunidade.

2). Escolher uma frase do canto e fazer um brevíssimo comentário, desenvolvendo, de maneira sucinta, o sentido daquela frase, trazendo-a para o nosso dia-a-dia.

3). O cantor iniciará pedindo à assembléia que, enquanto ele canta, o acompanhe silenciosamente lendo o texto.

4). Quando o cantor estiver cantando, não deverá dar grande volume à sua voz. Por que? Se a voz do cantor estiver um pouco baixa, toda a comunidade deverá dobrar o sentido da audição para assimilar a melodia, do modo contrário, poderá até irritar a assembléia.

5). O cantor cantará até três vezes sozinho (sempre pedindo à assembléia atenção) antes de pedir que a comunidade comece a cantar junto com ele.

6). Após ter cantado três vezes, ele pedirá para que a comunidade comece a cantar. Ele mesmo deverá pedir que a comunidade cante a meia-voz. Pedir que a comunidade cante a meia-voz tem um grande efeito: as pessoas se sentirão um pouco mais seguras, pois sendo a primeira vez que estão cantando com voz baixa, o "erro", se houver, não será ouvido.

7). Após o cantor e a assembléia terem cantado pela primeira vez juntos, cabe ao cantor elogiar a assembléia. O elogio faz muito bem a qualquer pessoa. Mesmo se o canto não saiu como deveria sair.

8). O cantor, após ter elogiado a assembléia, a convidará para cantarem mais uma vez. Até três ou quatro vezes, sempre elogiando e pedindo que soltem mais a sua voz. Assim, toda a comunidade já estará cantando esse canto novo.

9). Certamente o cantor notará que algumas pessoas não estão cantando, pois se julgam desafinadas. Como numa celebração os "desafinados" são poucos, o cantor deverá exortá-los: "Se Deus deu a alguém uma voz desafinada, Ele é obrigado a aceitar. O importante é todos cantarem unidos na voz e no amor de Jesus!" Com certeza, todos estarão cantando. E em nenhum momento o cantor deixará a assembleia cantar sozinha.

10). A comunicação do cantor com a assembleia é importantíssima. Quanto mais ele incentiva, elogia, fazendo pequenos comentários, mais ele envolverá a assembleia, tornando-se sacramento de sua função: cantor.

11). Durante o canto, o cantor deve fazer pequenos gestos de regência para orientar a comunidade. E uma coisa muito importante: a comunidade reunida deverá se sentir sempre orientada e segura com o cantor.

12). Todas as vezes que o cantor for anunciar um canto na celebração, cabe a ele fazer uma brevíssima introdução. Por exemplo: iniciar com uma frase do canto! Desenvolver um brevíssimo comentário e convidar a assembleia a entoá-lo com "o espírito que a frase pede". Neste caso, é bom o cantor escrever estas "breves palavras" até que ele possa improvisar.

13). A expressão facial do cantor deverá ser sempre uma expressão de alegria, de incentivo, de ternura e de encorajamento para a assembleia. Ele deve (se possível) cantar não com a cabeça abaixada na letra, mas sempre com o rosto erguido. Para isto, deve decorar pelo menos o refrão. E se nem isto for possível, que ele dê rápidas olhadas na letra e se volte para a assembleia, que, com o tempo, também irá decorar o refrão e estará de olho no cantor. Se isto acontecer com você, caro cantor, a sua equipe e sua comunidade terão percorrido um bom caminho.

14). É sempre bom lembrar que na respiração está a base para se cantar bem. É bom saber que Deus nos dotou com essa capacidade para que, através do canto, pudéssemos louvá-lo com tranquilidade também. Respirar de forma correta faz bem e acalma o nosso organismo. No nosso caso, a respiração ideal é a chamada "respiração abdominal", isto é, o ar, quando inspirado, entra pelo nariz, quando expirado, sai pela boca. Seria interessante que o cantor motivasse a assembleia para um pequeno exercício respiratório antes da celebração (respirar lentamente umas três vezes já faz um bom efeito).

15). A interpretação do canto é outro fator de suma importância. Entre outras coisas, é função do cantor ensinar a cantar. Não se canta apenas com a boca, mas todo o nosso ser deve participar. E é o cantor quem vai ensinar como se canta uma música, dando expressão e vida à melodia. Gestos corporais, modulação da voz, emoção, vibração, acreditar no que está cantando, levar para casa e viver aquela mensagem musical; tudo isto é extremamente importante dentro do que diz um sábio dito popular: "quem canta, reza duas vezes".

B. Instrumentistas e os instrumentos de música

1). Não existe um instrumento chamado "sacro". Assim como não existe instrumento chamado "profano". Estas convenções se dão a partir do uso a que o instrumento for destinado. O instrumento em si é, se podemos dizer, neutro.

2). A função do instrumento musical na Liturgia é a de *sustentar o canto*. Portanto, ele deve estar bem afinado, bem cuidado e deve ser executado com arte, ou seja, sem agressividade.

3). Além de acompanhar os cantos, na celebração poderá haver "solos" de instrumentos. Por exemplo, no momento das oferendas, onde o canto é facultativo. Mas todos os solos devem ser feitos com absoluta suavidade. O instrumentista também está a serviço da Liturgia e não de sua autopromoção.

4). Se em algumas comunidades houver vários instrumentos, não é interessante e nem bonito que todos os instrumentos toquem em todas as músicas. Por exemplo: Canto de entrada, Aclamação à Palavra, cantos de Louvor (Glória ou no término da celebração dentro da Igreja), todos os instrumentos podem acompanhar. No ato penitencia, Salmo responsorial, Aclamações, Cordeiro de Deus, é interessante tocar instrumentos que proporcionem maior suavidade, contribuindo assim para que estes momentos sejam realmente vivenciados e correspondidos na sua natureza dentro da celebração.

5). Solos, durante o momento da consagração, não deveriam existir. Nem aquelas sinetas deveriam ser tocadas. É um momento de silêncio absoluto de adoração profunda.

Se houver fundo musical e sineta, os dois tocando é um verdadeiro exagero. Ou um ou outro! Mas, lembre-se: o ideal é o silêncio piedoso e profundo.

6). Os instrumentos são também verdadeiros símbolos litúrgicos. Eles sempre nos remetem ao louvor. Com sua execução, eles ilustram muito bem o espírito do momento: alegria, procissão, tristeza, meditação. Tudo através do seu ritmo. Por isso, a equipe de Liturgia deverá estar atenta ao tempo litúrgico, principalmente o Advento e Quaresma, onde se pede um único instrumento somente para sustentar os cantos. E na Semana Santa é interessante que nenhum instrumento seja tocado. Como na maioria das comunidades a celebração é animada com um só instrumento, este deverá, durante o Advento e Quaresma, ser dedilhado. Se for harmônio ou órgão, que sejam usados poucos registros.

7). Antes do início do ato litúrgico, o instrumentista deve estar com o cantor para auxiliá-lo nos ensaios de canto, mesmo que as músicas sejam as que cantaram "na semana passada".

8). O instrumentista deverá ocupar um lugar onde o cantor possa vê-lo para eventuais e discretas comunicações: tocar mais alto, ou mais baixo, acelerar, ou diminuir o ritmo, momento de parar, etc.

9). Instrumentista e cantor devem estar em profunda sintonia. Para tal, os ensaios são imprescindíveis.

10). Todo instrumentista deverá ter o cuidado em não omitir os acordes escritos nas cifras. Às vezes, os cantos são prejudicados por serem tocados sem alguns acordes, por falta de conhecimento dos instrumentistas. Caso haja algum acorde que o instrumentista não saiba fazer ele deve procurar orientação. Além de aumentar seu conhecimento técnico, estará colaborando para a execução perfeita da melodia, tal como o autor a concebeu. Às vezes, estas posições dão efeitos de grande beleza na melodia.

11). Nenhum solo de instrumento, seja ele qual for, deverá ser feito com uso de microfone.

C. Salmista

A palavra já diz: aquele que *entoará o Salmo* correspondente à celebração.

1). O Salmo Responsorial faz parte da Liturgia da Palavra. Não se pode omiti-lo ou substituí-lo por outro canto.

2). Todos os Salmos foram compostos para serem cantados e não rezados. Daí, se não houver na Equipe de Liturgia um salmista, quem deverá entoá-lo ou rezá-lo será o cantor da Equipe de Celebração.

3). O salmista deverá ter todas as qualidades do cantor, prescritas acima, no item "a".

4). Se o salmo for rezado, o salmista primeiro falará o refrão, e depois repetirá junto com a assembléia.

Obs.: Muitos liturgistas defendem que o refrão deverá ser recitado somente pelo povo, para corresponder com o caráter dialogal que é da natureza da Liturgia. Teoricamente é compreensível, mas na prática isto não funciona. Motivo: alguns refrões

ou até mesmo a maioria deles são longos demais. Se o salmista não tiver a sensibilidade de encurtá-los, a assembléia terá a dificuldade de decorá-lo para repetir, principalmente se as estrofes do Salmo forem grandes. É muito desagradável o salmista terminar a leitura das estrofes do Salmo, fazer um sinal para a assembléia repetir o refrão e ouvir três ou quatro pessoas, com voz acanhada, recitando. O animador litúrgico deve conduzir a assembléia com segurança e a assembléia jamais deverá se sentir insegura nestes momentos. Quando o salmista pedir á assembléia para cantar/dizer o refrão do Salmo, é bom que não diga a palavra "todos", mas faça um discreto gesto com as mãos, rezando junto com ela. O tom da voz, no final das frases finais, também orientará a assembléia para perceber que logo virá o versículo do refrão.

5). Os Salmos pertencem a um gênero literário. É sempre uma pessoa falando. Neles, nós encontramos textos para todas as celebrações da Igreja. Há salmos para um momento de alegria, de saudade, de arrependimento, de pedido de vingança, de festa, de vida, de morte, para os dias de enchente, de seca, etc. Por isso, constituem a literatura oficial da Igreja para as celebrações. Sendo assim, temos Salmos para todos os tempos litúrgicos. Por isso, a pessoa que estiver lendo (não cantando) o Salmo deve buscar e perceber que assunto o Salmo está abordando, isto porque a expressão facial na leitura é muito importante. Se o Salmo fala de tristeza, uma entonação triste deve aparecer na voz e no rosto; se for o caso do Salmo 150, por exemplo, a entonação da voz e a expressão facial será de uma grande alegria. Voz e corpo devem estar em sintonia na leitura, assim como no canto.

6). Há muitos Salmos, que foram musicados, cujas estrofes possuem melodias ritmadas, sem serem da natureza dos tons gregorianos. Esses podem ser cantados, refrão e estrofes, por toda a assembléia. Os Salmos cujas estrofes possuem melodias de tom gregoriano ou são baseadas no gregoriano pela sua forma, como no caso dos Salmos usados nas Campanhas da Fraternidade, deverão ser cantados em caráter dialogal: a assembléia cantará apenas o refrão e o cantor salmista fará o solo das estrofes.

7). Como os Salmos são destinados a um momento de meditação, o seu acompanhamento instrumental deverá ser feito com suavidade.

D. Leitor

O leitor exerce um ministério tão importante quanto o do cantor, do comentarista ou do salmista. Afinal é *ele que proclama*, e não apenas lê a *Palavra de Deus*.

1). Geralmente as leituras são precedidas de um breve comentário. Enquanto o comentarista está falando, o leitor já deve estar a postos ou já bem perto da Mesa da Palavra. Isto para evitar aquele "vazio" que acontece quando o leitor espera o comentarista terminar para sair do seu lugar, caminhar até a Mesa da palavra e iniciar a leitura dos textos bíblicos. A Equipe de Liturgia deve proporcionar uma celebração fluente, leve e gostosa.

2). O leitor deve prestar atenção à leitura que vai fazer, pois o gênero literário da Bíblia é bastante variado (Gênero literário é o estilo de um texto). Por exemplo: uma novela é diferente de uma carta; um poema é diferente de um conto. A leitura de uma narração (Gênesis, Êxodo) difere de uma leitura de um sermão ou dos oráculos proféticos e assim por diante. Cada um destes textos pertence a um gênero literário e deve ser lido de acordo com a sua natureza.

3). O leitor deve estar atento para que as suas palavras estejam em sintonia com a sua expressão facial e o seu tom de voz, que é o veículo de ilustração por excelência do texto que está sendo proclamado. É sempre bom lembrar que na assembléia há pessoas que não sabem ler, e as que lêem nem sempre prestam atenção no que está sendo lido.

4). Portanto, o leitor deve fazer exercícios de leitura em casa. É necessário saber destacar as frases faladas dos personagens das frases de narração, saber terminar uma frase exclamativa, uma frase interrogativa, uma terminação com dois pontos; saber destacar, pelo tom de voz, as palavras ou frases entre aspas. Tudo isto se consegue com exercício, paciência e perseverança.

5). As leituras, que serão feitas na celebração, devem ser vistas com antecedência. Seria muito bom não escolher pessoas ao acaso para fazer uma leitura. Há textos em que aparecem nomes de cidades, pessoas e povos que são muito estranhos para nós. O leitor deverá, então, procurar se informar, sem constrangimento, como se pronunciam tais palavras.

6). A postura do leitor à Mesa da Palavra, ou Ambão, deve traduzir a dignidade do momento e do Livro que está sendo lido. Como a maioria das paróquias usa os folhetos litúrgicos, não é interessante que se pegue somente o folheto para ler. O correto é ler o texto bíblico diretamente do Lecionário ou da Bíblia. Lembra-se que no momento das leituras Deus mesmo serve-se do leitor para ser anunciado. Assim, toda a assembléia verá que o texto está na Bíblia. Quando terminar a leitura e for proclamar "Palavra do Senhor", o leitor elevará um pouco o livro sagrado da estante, solenizando este momento. Afinal, toda a Bíblia é a Palavra do Senhor.

7). Isto vale também para os sacerdotes ou Presidente da celebração. A leitura do Evangelho deverá ser feita da mesma maneira que as outras leituras: dentro de um Livro Sagrado. É horrível ver certas proclamações feitas por sacerdotes, somente com o folheto na mão, e elevar o folheto para proclamar "Palavra da Salvação" fica um gesto muito vazio e pobre. Mesmo porque, infelizmente, encontramos muitos folhetos no chão sendo pisados, e também transformados em barquinhos, leques, aviãozinho e forro de genuflexório, para não sujar a roupa das pessoas quando estas se ajoelham.

8). É bastante contraditório elevar um folheto proclamando Palavra do Senhor ou Palavra da Salvação enquanto os seus iguais estão sendo tratados das maneiras descritas acima.

9). Os leitores e aos que presidem à celebração cabe tudo isso. É preciso exercitar-se sempre para proclamar com dignidade e convicção a Palavra do Senhor. Quando você for ler uma carta, o entusiasmo deve traduzir um momento de expectativa, de espera. Leia como se você tirasse aquela carta do envelope que acabou de chegar e como se todos estivessem ansiosos para saber o que está escrito.

10). Tudo isto, caro leitor, é possível. Acredite no chamado do Espírito Santo que o quer neste ministério tão importante, e lembre-se que o texto lido não foi escrito por você, Deus inspirou o autor e quer que você saiba proclamá-lo bem.

E. Comentarista

1). Ao comentarista cabe uma tarefa muito importante: é ele quem *vai conduzir algumas partes da celebração* com breves comentários, colocando a assembléia dentro daquele momento.

2). Nunca o comentarista deverá chegar à estante de leitura e ficar com "um pé dentro e outro fora" ou falar às pressas com cabeça baixa, só porque os comentários são breves.

3). Comentarista que age assim já estraga tudo desde o começo. Um comentário deve ser muito bem feito. É justamente isto que irá colocar a assembléia na vivência que vem depois.

4). É bom que o comentarista prepare por escrito os comentários que irá fazer. Assim, de acordo com as leituras, preces ou outros momentos em que irá agir, tenham

também relação com a realidade de sua comunidade as palavras que ele usará para aquele momento, além de exercitar sua criatividade.

5). Neste sentido, é bom que o comentarista não seja trocado em todas as celebrações. Assim ele vai se acostumando com as pessoas, vai se desinibindo e, conseqüentemente, sua criatividade nos comentários vai sendo aprimorando.

6). Cabe ao comentarista dar as boas-vindas aos irmãos para a celebração. Após as boas-vindas, ele irá iniciar o seu comentário, dando o motivo da celebração. Poderá falar brevemente sobre a mensagem do evangelho, trazendo-a sempre para a realidade da sua comunidade.

7). Nunca o comentarista deve terminar o seu comentário inicial convocando a assembléia para ficar de pé e nem anunciando o canto de entrada. Quem convida a assembléia a ficar de pé e anunciar o canto é o cantor.

8). O comentarista deverá ser sucinto. A Homilia é função do celebrante.

F. Recepcionista

1). Ser recepcionista é uma função muito importante. O recepcionista deverá *estar à porta da igreja para receber os fiéis*, entregando o folheto de canto, folheto litúrgico, conduzir os idosos a um bom local na igreja ou no local de seu costume ou preferência, ajudar as pessoas nos pacotes e embrulhos, enfim, *acolher os fiéis sempre com expressão alegre*.

2). Na realidade, esta é uma função que "parece que não pegou". Contudo, há locais em que na Equipe de Liturgia existem pessoas com esta função.

3). Se não pegou é realmente uma pena! Leia novamente o item nº 1. *É uma função* muito bonita. *São gestos de delicadeza, de respeito, de fraternidade, de solidariedade, de atenção, de apreço, de ternura, enfim, de tudo o que humaniza o irmão.*

4). A liturgia deve oferecer às pessoas tudo o que o mundo nega lá fora: justamente as coisas descritas no item nº 3. Tudo isto as pessoas devem encontrar na Casa de Deus, e já devem encontrar tudo logo na chegada.

5). Todos temos espaço na Casa de Pai. E se a pessoa ama realmente a sua função na equipe de Liturgia, ela vai se tornando muito criativa. Vai começar a perceber as coisas, e vai estendendo a sua função na atenção a toda a assembléia.

6). Cabe também ao recepcionista, que deve ser uma pessoa com dotes para relações humanas, conduzir, dentro de um espírito de extrema caridade, os irmãos bêbados para a sacristia ou para o corredor, ou mesmo para fora do recinto da Igreja, se estiverem atrapalhando a celebração. Caso contrário, jamais.

7). Enfim, o recepcionista deverá estar atento para que nada perturbe o andamento da celebração.

8). Cabe também ao recepcionista trabalhar em conjunto com o sonoplasta, dando-lhe discretamente sinais para aumentar ou diminuir o som, uma vez que estará bem atento ao todo da celebração.

G. Sonoplasta

1). A Palavra de Deus, é sabido por todos, tem vigor e força própria. Mas, para que seja anunciada e proclamada com clareza, *é necessário um bom aparelho de som e alguém que saiba manejá-lo bem*; eis o papel importante desempenhado pelo sonoplasta.

2). Todos sabemos que a maioria de nossas igrejas tem péssima acústica. Daí o uso da aparelhagem de som. Mas em muitos lugares, os microfones mais atrapalham do que ajudam. O que deveria ser o meio para comunicar a Palavra de Deus com clareza, acaba por "matar" a Palavra. O som ruim na hora da homilia do sacerdote torna-se extremamente irritante.

3). É, pois, o sonoplasta o responsável por esta parte: cuide do som durante a celebração evitando, assim, que essas coisas desagradáveis aconteçam.

4). O sonoplasta deverá ter a sensibilidade de aumentar ou diminuir o volume do som; de testar os aparelhos; de auxiliar os instrumentistas se forem usar guitarra ou cristal no violão; de auxiliar alguém que irá falar no microfone, para ter uma boa distância do aparelho etc.

5). Em algumas ocasiões usa-se algum disco em determinadas partes da celebração. Cabe ao sonoplasta, que não deverá entender apenas de som, mas também um pouco de Liturgia, saber colocar o disco certo naquele momento da celebração. E quando ocorrer o fato de a comunidade cantar com a ajuda do disco, é bom ter o cuidado para que o som não esteja alto demais e venha abafar a voz da assembléia.

6). Nem sempre é o sonoplasta quem maneja o som. Quando ele está ausente pode vir outra pessoa e fazer o seu trabalho. Mas é preciso atenção e cuidado para não danificar a aparelhagem de som, os discos, fitas, CDs etc. é bom lembrar que tudo o que esta na Casa de Deus deve ser bem tratado e conservado!

H. Decorador ou Cartazista

1). É bom saber que a linguagem da Liturgia é altamente simbólica. Por isso, tudo o que pudermos recuperar para *enriquecer o visual nas celebrações* será melhor.

2). Nos dias de festa, de solenidade, ou outras ocasiões oportunas, cabe à Equipe de Liturgia providenciar um belo cartaz para ilustrar a celebração. Pode ser desenho ou colagem, com uma frase forte que realmente dê um grande efeito na celebração.

3). O mundo de hoje é um mundo de muito recurso visual; de comunicação pelas cores, luzes, sons, gestos etc... A Equipe de Liturgia deve aproveitar todos estes recursos que a tecnologia oferece para enriquecer as celebrações.

4. Reuniões das Equipes de Liturgia.

Todas as pessoas que trabalham na Liturgia de uma paróquia devem se reunir pelo menos duas vezes por mês. O ideal seria uma vez por semana para preparar as celebrações.

Devem estar presentes todos os membros da equipe. Isto vale também para os instrumentistas que costumam não aparecer nestas reuniões.

Todos deverão ver os cantos, ensaiá-los devidamente, formular os comentários ver as leituras e treinar os leitores, fazer algo criativo para a celebração. E o mais importante: combinar absolutamente tudo com o celebrante, evitando, assim, as ansiedades que normalmente precedem as celebrações. Daí, o porque da presença do padre nas reuniões. Uma coisa muito importante que a equipe de Liturgia deve fazer é escolher os mesmos cantos para todas as celebrações. Além de ser um sinal de unidade, é altamente educativo para a comunidade. Pois, se uma pessoa costuma ir à celebração em determinado horário e, por qualquer motivo vai a outra celebração, lá encontrará os mesmos cantos, podendo participar sem as dificuldades de aprender um canto novo. Portanto, não é bom que as equipes de celebração tenham suas "próprias músicas". Daí a importância de escolher juntos. Vejo aqui uma única exceção para as missas com as crianças, com os jovens e as missas "dos doentes e idosos".

As reuniões não devem ficar restritas a ensaio de cantos, escolhas de leituras etc... Acima de tudo, devem ter um caráter de oração e confraternização. É bom começar e encerrar a reunião com uma oração, criando um clima onde todos se sintam irmãos. E, caso haja alguma discussão, que tudo seja levado de forma natural e sem rancor,

lembrando que num grupo desta natureza, formado por líderes, é muito comum isto acontecer. Saber ouvir, saber discutir também é um dom!

Não é demais lembrar que Equipe de Liturgia não tem vontade própria, pois a própria Liturgia diz o que deve ser feito. E, dentro disso, toda criatividade é bem aceita, desde que condizente.

Um outro tópico que não se pode deixar de lado: a formação da Equipe. Todos os membros devem ser bem formados e informados. Para tal, a participação em cursos, estudos dos livros, revistas e subsídios litúrgicos. Aí está o sinal da sabedoria: "Porque, verdadeiramente, desde o começo, seu desejo é instruir, e desejar instruir-se é amá-la" (Sb 6,17).

E a quem compete a compra desse material de estudo? Ao vigário! A ele compete equipar o grupo: CDs, fitas cassetes, cartazes, símbolos, livros, revistas, folhetos etc. Tudo isso deve fazer parte do acervo da Equipe: tudo deve ser fornecido pela paróquia. Se quiserem comprar para si, tudo bem; mas, se comprem para a paróquia é natural que sejam reembolsadas. Por isso, oriento-os a falar com o padre, sem constrangimento, sobre tal assunto.

Se observarmos bem todas as instituições, sejam quais forem, estão equipadas "até os dentes" para se fazerem presentes na sociedade. Neste ponto, a Igreja tem muito a aprender e caminhar. Quantas coisas estão à nossa disposição e não percebemos.

V – O CANTO NA LITURGIA

"A tradição musical da Igreja universal constitui um tesouro de valor inestimável que se destaca entre as demais expressões de arte, principalmente porque o canto sacro, ligado às palavras, é parte necessária ou integrante da liturgia solene." CIC 1156

1. História da Música Cristã

Aproximadamente 1000 anos antes de Jesus nascer existiu um rei chamado Davi. Naquele tempo, a música era muito utilizada nas liturgias do povo de Israel. Confira, por exemplo, o que diz o Primeiro Livro das Crônicas:

"Davi disse aos chefes dos levitas que estabelecessem seus irmãos como cantores com instrumentos de música, cítaras, harpas e címbalos, para que os sons vibrantes e alegres se fizessem ouvir" (1Cr 15,16).

Havia muitos instrumentos que acompanhavam as vozes. Existiam diversos ministros de música. Havia até mesmo o animador que orientava e regia os músicos. As canções animavam o povo nas procissões em que a arca da aliança era transportada:

"Todo o Israel, ao fazer subir a arca da aliança do Senhor, soltava brados de júbilo, ressoando trombetas, trompas e címbalos, retinindo cítaras e harpas" (1Cr 15,28).

Quando Jesus nasceu, já não se cantava da mesma maneira. O povo estava mais descuidado e a música litúrgica havia entrado em decadência. Mas isso não significa que os judeus não cantavam em suas liturgias. O próprio Jesus cantou os salmos na última ceia antes de ir para o Jardim das Oliveiras (cf. Mt 26,30).

As primeiras comunidades cristãs não imitaram a música do tempo de Davi. Aquela já não era a música cantada pelo povo na época de Cristo. Mil anos haviam se passado desde a época de Davi. A música mais cantada nos primórdios do cristianismo era de origem grega. Dessa maneira, a liturgia cristã foi um verdadeiro caldeirão onde se misturaram três culturas musicais. Os cristãos começaram a cantar os salmos de Davi ao

"modo" das melodias gregas em língua latina. A música dos cristãos era uma síntese perfeita de diversas culturas daquela época. Nascia da alma de diversos povos. Por isso podia ser chamada de CANTOCHÃO.

Algum tempo depois, o papa Gregório Magno (590-604) transformou o cantochão na música oficial da Igreja. Por causa dessa reforma, cantochão ficou sendo conhecido como Canto Gregoriano. Durante mais de 1000 anos o cantochão foi uma música popular. Mas, com o tempo, o canto gregoriano deixou de ser uma forma popular de expressão. O povo já não conseguia cantar aquelas belíssimas, mas arrojadas melodias. Por isso eram contratados corais para cantar no lugar do povo. Aos poucos estes corais começaram a sofisticar seu repertório e cantar a várias vozes. O povo se contentava em escutar atentamente.

Hoje em dia, o gregoriano não representa mais a síntese das nossas culturas. Por isso ele deixou de ser "cantochão".

Precisamos fazer brotar de nossa terra uma nova canção, um novo cantochão. A Igreja admitiu e estimulou isso após o Concílio Vaticano II. Hoje precisamos compor canções com as quais o povo de uma determinada região se identifique. Mais que isso, precisamos estimular o povo a compor suas próprias canções de amor a Deus. O Espírito Santo fala todos os idiomas. Se expressa em todas as culturas. A nova canção sobe até Deus em forma de clamor... por causa da opressão. É uma canção que sobe aos céus em forma de louvor... na certeza da libertação.

2. Cantar na missa ou cantar a missa

O canto é um elemento importantíssimo nas celebrações cristãs, sobretudo da Missa. *É a expressão de um povo salvo em festa.* Há vários tipos de cantos da Missa. Queremos realçar três:

1. O *diálogo* cantado entre o Presidente e a assembléia. Por exemplo: a saudação, as orações do tipo coleta, o diálogo do prefácio, o Pai-nosso.

2. O canto do *Comum da Missa*: o Senhor, o Glória, o Creio, o Santo, a aclamação após a consagração, o Cordeiro.

3. *Cantos litúrgicos: cantos rituais* (Kyrie Eleison, Salmo, Aleluia (aclamação), Sanctus e Cordeiro) *e cantos que acompanham a ação litúrgica* (são os cantos que acompanham procissões ou movimentos como: entrada, preparação das oferendas e comunhão).

Além disso, o salmo responsorial e a aclamação do Evangelho. Os cantos de entrada e o da comunhão previstos no Missal podem ser substituídos por outros cantos apropriados. Já o salmo responsorial será sempre bíblico e escolhido de acordo com a leitura que o precede.

O último documento importante da Santa Sé sobre a música sacra prevê três níveis de Missa cantada. São os seguintes:

1º nível: O diálogo cantado entre o Presidente e a assembléia. Seria preciso que os padres aprendam novamente a cantar a Missa: a saudação, o Oremos, o prefácio, a consagração, o Pai-nosso, a bênção e a despedida.

2º nível: É o primeiro nível mais o canto das partes do Comum, ou seja: o Senhor, dentro do ato penitencial ou separadamente, o Glória, o Creio, o Santo, a aclamação depois da consagração e o Cordeiro. Estas partes, talvez por causa dos folhetos, estão sendo pouco valorizadas no canto.

3º nível: É o primeiro mais o segundo e o Próprio da Missa. Isto é, o canto de entrada, o salmo responsorial, aclamação do Evangelho, o canto das oferendas e o canto da comunhão. Pode haver a ação de graças. Canto final não existe na estrutura da Missa.

Não é que esta organização da Missa cantada seja rígida. Mas o que acontece entre nós é que em geral só cantamos os elementos próprios do 3º nível e, o que é pior, em vez de se cantarem os cantos da Missa, muitas vezes apenas se entoam cantos na Missa. Importante é a assembléia cantar a Missa.

3. Critérios para a escolha de cantos

Não é qualquer canto que se escolhe para as celebrações. Deve haver muito critério para a escolha. Existem cantos litúrgicos (para a missa) e cantos mensagens (para outras ocasiões, como encontros).

Características do canto litúrgico

- a) o seu conteúdo é bíblico;
- b) se possível, a letra deve trazer a citação dos capítulos e versículos;
- c) se na letra não houver frases bíblicas, pelo menos deve ser composta por inspiração em tal passagem bíblica;
- d) qualquer salmo cantado é litúrgico;
- e) a música deve ter melodia fácil para a assembléia assimilar e cantar; lembre-se de que toda a assembléia deve participar nos cantos, nas orações e nos gestos!

As Equipes de Liturgia devem tomar cuidado com muitos cantos que aparecem e que somente a primeira estrofe se consegue cantar. Cuidado, pois a falta de mérito na construção de estrofes dificulta a fluência da melodia e quando se começa a "tropeçar" nos cantos, há um "desânimo" na assembléia e fica "feio" para a Equipe, e mais ainda para a celebração. A composição de letras e músicas não é tão simples como se apresenta ser: os poetas e músicos têm muita inspiração, mas acredite, têm muito mais transpiração!

Muito cuidado com músicas destinadas às partes fixas para a celebração, principalmente com o Santo, gloria e Pai Nosso. É comum encontrarmos estas músicas com letras totalmente distorcidas. Cada texto tem o seu conteúdo próprio e isto é da tradição da Igreja. Se for para dar mais fluência à letra, o letrista terá critério para isto, pois as "verdades" nelas contidas devem estar sempre em primeiro plano.

4. Os cantos na Celebração

Preparação

É um momento que foi esquecido durante algum tempo e agora está voltando ao uso. Enquanto alguns "acolhem" os irmãos que estão chegando para a festa da Eucaristia, o ministro de música pode preencher o ambiente com um solo instrumental. Alguns neste momento costumam ensaiar as canções que farão parte da celebração. Pode-se também colocar um disco de meditação, ou das músicas que se irá ensaiar. O importante é criar um ambiente de vida, pois é Cristo, Caminho, Verdade e Vida, que iremos celebrar.

Todos os cantos litúrgicos são cantos personalizados. Isto quer dizer que, foram compostos com um ritmo próprio, com uma letra própria, e destinados a um momento próprio na celebração. Sendo assim, as características dos cantos são as seguintes;

4.1. Ritos Iniciais

Entrada

A finalidade desse canto é abrir a celebração, promover a união da assembléia, introduzir no mistério do tempo litúrgico ou da festa, e acompanhar a procissão do Presidente e seus auxiliares.

Toda a assembléia, unida em uma só voz, canta a alegria festiva de reunir-se como irmãos em torno do Cristo. Esta canção deve deixar claro para toda a assembléia, que festa, ou mistério do Tempo Litúrgico (A segunda "perna" do tripé litúrgico) iremos celebrar. Todo o povo deverá ser envolvido na execução desta canção.

A primeira impressão sempre marca todo o relacionamento. Assim também o canto inicial marcará toda a celebração.

Os instrumentos terão a função de unir, incentivar e apoiar o canto. Não deverão cobrir as vozes dificultando a compreensão do texto. Ninguém participa de uma celebração para ser admirado, ou para aumentar seu ibope na comunidade. "Tocar na Missa" é um serviço e uma oração. Todo este canto como a procissão do sacerdote não deverá ser demasiada longa. O canto deve terminar quando o sacerdote chegar ao altar.

Letra: deve ser um convite à celebração! Deve falar do motivo da celebração!

Música: de ritmo alegre, festivo, que expresse a abertura da celebração.

Ato Penitencial

Neste canto aclamamos a Cristo como "Nosso Senhor" e lhe pedimos perdão. É um canto de repouso. Sua melodia deve traduzir a contrição de quem pede perdão. Todo o povo deve participar deste canto, mas admite-se um diálogo solista-povo.

Não é necessário que este canto seja muito "florido". A simplicidade é a melhor forma de expressar o arrependimento. O instrumentista deve traduzir este espírito de confiança e invocação acompanhado de modo suave, quase imperceptível. Para isto pode-se até excluir a percussão deste momento.

É um canto de cunho introspectivo. Deve ser cantado, não arrastado, com expressão de piedade.

É diferente do canto de entrada, que é cantado com alegria. Deve expressar confiança no perdão de Deus.

Letra: deve conter um pedido de perdão. É de orientação que não precisa ser a fórmula tradicional, mas qualquer pedido de perdão da comunidade que está reunida.

Música: lenta, que leve a introspecção, e que seja cantada com piedade.

Glória

Esta é a canção da alegria, o canto que os anjos e pastores cantaram para saudar o nascimento do redentor (cf. Lc 2,14). Desde o século IV que os cristãos cantam. Houve uma época que só os bispos o podiam cantar. Hoje se recomenda que toda assembléia cante o "glória" com ânimo e alegria. Para isso é útil bater palmas, erguer os braços, repicar os sinos expressando Glória a Deus nas Alturas. Mas é importante não esquecer duas coisas: Que o canto e suas expressões devem seguir a realidade da assembléia; que continuamos com os pés no chão, e que o nascimento de Cristo hoje depende de nossa boa vontade.

Este canto é excluído no Advento e na Quaresma, nos outros tempos deve ser executado e de preferência "Cantado". Não é bom que seja parte exclusiva do coral. Este poderá cantá-lo em diálogo com o povo.

O Glória deve ser antes de tudo uma manifestação do louvor a Deus-Pai e ao Cordeiro.

Deve conter na letra o mínimo do sentido que é: Glória ao pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Portanto, o famoso "Gloria, Gloria, Aleluia", não é canto litúrgico.

OBS.: Não é muito recomendado que se cantem todos os cantos da celebração. Se for cantar o ato penitencial, não cante o glória, a não ser na missa solene.

4.2. Liturgia da Palavra

Salmo Responsorial

Este faz parte integrante da celebração. Aqui, obrigatoriamente, tem que ser um Salmo. Há muitos tons de salmos que o salmista poderá aprender para cantar com a assembléia, revezando solo e povo.

Dentro do diálogo litúrgico, este canto é a resposta da assembléia ao Deus que falou na primeira leitura. Como diz o próprio nome, trata-se de um salmo, no entanto admite-se também um canto de meditação, contanto que seja de origem bíblica e signifique uma resposta coerente com a proposta divina expressa na primeira leitura. Este canto não deveria ser nunca excluído pois é de grande importância à liturgia da palavra.

Pode ser executado por um solista nas estrofes com a adesão de toda a assembléia no refrão. O acompanhamento dos instrumentos deve ser discreto, exceto quando o salmo for festivo e acompanhado por todo o povo.

Aclamação ao Evangelho

Geralmente (menos no advento e na quaresma) a aclamação mais usada é o Aleluia, que quer dizer "Deus seja louvado!" seguido de uma pequena estrofe que prepara a leitura do Evangelho. Não é um canto obrigatório mas sendo executado, é preciso que seja uma aclamação pessoal e comunitária ao Verbo de Deus. Ao contrário do Salmo, este canto permite movimento e participação vibrante dos instrumentos. Poderá haver solista, mas o Aleluia deverá ser cantado por toda a assembléia.

Deve ser um canto que tenha forte referência ao momento. É um convite à assembléia para ouvir, é o anúncio da palavra de Jesus que será proclamada no meio de nós. Deve ser um canto curto! Um "pic-pic-urra" para o Evangelho. O ritmo tem que ser vibrante, alegre, festivo e acolhedor.

Nada impede que o canto seja repetido após a leitura do Evangelho.

Depois da Homilia

Em missas com crianças, ou em outras celebrações onde a reflexão silenciosa seja difícil, pode ser entoado um cântico, no estilo do Salmo Responsorial, que venha a trazer uma manifestação em sintonia com o tema do evangelho.

Profissão de Fé

O Creio é uma resposta de fé e de compromisso da comunidade e do indivíduo à palavra de Deus. Nele recordamos toda a história da salvação. Por isso não convém a utilização de formas abreviadas que sejam profissão de fé, mas que não resumam a fé cristã. Quando cantada, deve contar com a participação de todo o povo. No entanto pela estrutura rítmica da letra, isso se torna muito difícil. Uma opção seria cantar um refrão popular, entre uma recitação e outra do Creio.

Oração dos Fiéis

Esta oração poderá adquirir um tom mais solene quando cantada. As invocações devem ser executadas por um solista, ao que o povo responde cantando. Aqui a participação dos instrumentistas é suavíssima e até dispensável, podendo ser usado apenas o teclado com som de órgão.

4.3. Liturgia Eucarística

Preparação das oferendas

Este é um dos cantos menos importantes da missa. Neste momento nos preparamos para oferecer ao Pai, o Cristo "ao qual nos unimos oferecendo nossas vidas, nosso corpo como culto espiritual agradável a Deus". Portanto, o grande ofertório da missa é após a consagração quando já não oferecemos o pão, o vinho, nossa vida, nosso trabalho, mas o próprio Cristo e todo o resto transfigurado "Por Ele, com Ele e n'Ele".

Durante o canto de ofertório normalmente também ocorre a coleta, momento em que colocamos um pouco do que é nosso em comum. Portanto o objetivo do canto "de ofertório" é criar uma atmosfera de alegria, partilha e generosidade. Pode-se dispensar o canto e os instrumentos fazerem um solo apropriado para o momento litúrgico. Ou ainda participar com um canto de oferta que o povo não conheça, desde que este não venha a distrair a atenção do povo.

É um canto facultativo na celebração. Isto quer dizer que pode ou não ser cantado. Isto fica a critério da Equipe de Liturgia decidir e combinar com o padre, para que ele possa rezar as orações das oferendas e a assembléia responder: "Bendito seja Deus para sempre!".

Letra: quanto à letra, não é mais necessária que se fale sobre o pão e o vinho. Pode ser um canto de livre escolha, que seja suave e de ritmo moderado. É um momento de descontração, onde a assembléia está assentada.

Música: como disse acima, de preferência uma melodia calma. Mesmo porque, em algumas solenidades, é oportuno o uso do incenso, e, para isto, é necessário um contexto coerente, solene e até místico. Devemos estar atentos a esta HARMONIA!

Oração Eucarística

Tanto o diálogo introdutório, como o prefácio e demais orações podem ser cantados e dependendo da sintonia entre músicos e celebrante, pode ser acompanhadas pelos instrumentos. Desde que o celebrante ache conveniente e sinta-se apto para isso.

Santo

É um dos cantos principais, se não o principal, da liturgia. Nele toda a assembléia se une aos anjos e santos para proclamar as maravilhas do Deus, Uno e Trino. É o primeiro canto em ordem de importância. É o canto dos anjos (Is 6,2s) e também dos homens (Lc 19,38). Não teria sentido convidar os céus e a terra, os anjos e os santos para cantar em uma só voz, e depois somente um coral ou um solista executar o canto. Este é essencialmente um canto do povo. É indispensável a participação dos instrumentos para solenizar esta vibrante saudação: SANTO, SANTO, SANTO!

O Santo é um canto vibrante pela sua natureza. Ninguém exclama: Hosana! Hosana! Hosana! Se não estiver com um espírito alegre. Alias, é oportuno lembrar que os cantos ficam mais vibrantes quando a gente canta acreditando no que está cantando.

Têm aparecido algumas melodias "meio lentas" que "quebram" até a fluência da letra. O cantor deve estar atento para que estas partes não sejam arrastadas.

Aclamações em particular

Há uma série de aclamações durante a celebração eucarística que poderia ser cantada. A Oração Eucarística V, por exemplo, permite algumas intervenções da assembléia. O mesmo pode afirmar da Oração Eucarística para missas com crianças, ou sobre a Reconciliação.

Durante a consagração é melhor o silêncio, um silêncio profundo, nem mesmo solos devem distrair a atenção da assembléia naquele momento. Nada de fundo musical e sineta, principalmente quando o sacerdote eleva a hóstia e o cálice. Muitos exclamam

"Meu Senhor e meu Deus" em alta voz. Cada um que exclame em silêncio. Pode-se cantar sim a aclamação após a consagração (Eis o mistério da fé...).

E quando o sacerdote disser: Eis o mistério da fé (cantado ou rezado), toda a comunidade deve se levantar. É hora de uma profissão de fé, e toda a profissão de fé deve se fazer de pé.

O "Amém" da Doxologia (Por Cristo, com Cristo e em Cristo...) é o amém mais importante da missa poderia ser cantado muitas vezes, é o grande amém da missa. É uma hora muito importante na celebração. Por isso deve ser cantado. Se o celebrante cantar a oração, melhor ainda; se não cantar, a equipe combina com ele para cantar o Amém.

Pai-nosso

O Pai-nosso cantado por toda a assembléia tem grande força e significado. É um dos grandes pontos da Missa, exprimindo de modo maravilhoso a comunhão entre os irmãos. Se não for cantado por todos, é preferível que seja recitado. Os instrumentos têm papel de sustentação, evitando distrair a atenção da oração.

Abraço da paz

Aqui temos muitas opiniões. É o momento de desejarmos a paz ao irmão e de saudá-lo. Por outro lado, ninguém cumprimenta ninguém cantando. Mas, nada impede o canto neste momento. As pessoas se cumprimentam e depois cantam. Mas faça aqui um apelo; este deve ser o canto mais curto da missa. Nada é mais desagradável do que um canto desta natureza parecer não ter mais fim. É costume cantar uma canção alegre cuja letra lembre fraternidade e caridade como fundamento da vida cristã. Deverá ser uma melodia contagiante. Entretanto não é essencial que a assembléia cante.

Cordeiro de Deus

Esta prece, de origem Bíblica (Jo 1,29), faz alusão ao Cordeiro Pascal, que se imola e tira o pecado do mundo. Pode ser cantado pelo coral ou solista, mas a assembléia deve participar da última petição: dai-nos a paz. A melodia não deve ser muito rápida. Se for cantar o Cordeiro de Deus não cante o abraço da paz.

Comunhão

É o canto mais antigo da missa. Por ele, através da união das vozes, queremos expressar nossa comum-união espiritual em torno de Jesus Cristo. Todos ao redor da mesma mesa, congregados numa mesma Igreja, participam do mesmo pão. A função do canto de comunhão é alinhar esta união.

É comum escutarmos que se deveria fazer silêncio durante a comunhão para que um pudesse se entreter num encontro pessoal com Cristo. É certo que a comunhão dos Cristãos é um ato pessoal, mas deve manifestar-se através de um ato comunitário. E o canto de comunhão deve propiciar esta manifestação de comunidade. Por isso todo o povo deve participar entusiasticamente deste canto.

O Silêncio Eucarístico necessário ao encontro e oração pessoal com Cristo se dá no próximo momento.

É um canto processional, isto quer dizer: um canto para se cantar andando. É um momento que, por tradição todos nós cantamos!

Letra: dê preferência as letras que tenham sintonia com o Evangelho.

Música: processional: toada, balada etc.

Ação de Graças

Falamos tanto em canto leituras e comentários. É hora de falarmos do silêncio na liturgia. Sabemos também que a liturgia deve oferecer aos irmãos tudo o que o mundo nega lá fora; respeito, fraternidade, solidariedade, ternura, elogios etc., e também lhes proporciona um momento de silêncio. Este silêncio é após a comunhão. Daí a sensibilidade do sacerdote e da Equipe de Liturgia em proporcionar um tempo para cada fiel fazer sua oração pessoal dentro da celebração. Mas esse silêncio é silêncio mesmo! Sem solo de instrumentos, sem leitura de poema, sem mensagem etc. Principalmente nas cidades grandes, onde a população é agredida pela poluição sonora. E todos são unânimes em dizer como é profundo e suave ao mesmo tempo este momento de silêncio.

Este é o momento que, em silêncio, a comunidade adora e agradece a presença do Cristo Eucarístico. Após este breve silêncio pode-se cantar um salmo ou outro canto de louvor ou de ação de graças. Este canto não pode e não deve excluir o momento de silêncio após a comunhão.

É preferível que este canto seja breve e executado por todos. Por isso, também para os instrumentos, não convém longas introduções e interlúdios. É preciso que o ministro tenha a devida sensibilidade e discernimento para saber se este canto é conveniente em tal momento. Evite-se o canto de ação de graças quando a celebração já estiver por demais prolongada.

Canto de louvor ou canto de ação de graças ou final: esses títulos, embora relativos, produzem pelos liturgistas um pouco de polêmica no seu anúncio.

Acham que, se for anunciado como canto final, é contraditório com a liturgia que "nunca tem final!" se for anunciado como canto de ação de graças, também é contraditório com a celebração litúrgica "eucarística", que já quer dizer Ação de Graças; se for anunciado como canto de louvor, acham que se pode confundir com o canto do Glória.

Letra: deve conter uma mensagem que levaremos para a vida. Se possível, referente ao Evangelho lido e explicado.

Música: alegre e vibrante. Mas também, um canto suave. Se for um canto vibrante, o cantor convidará a assembléia para ficar de pé; se for um canto suave, a assembléia deve permanecer assentada. Não se concebe um canto lento se cantado de pé.

4.4. Ritos Finais

Canto Final

Antes da bênção entoa-se uma ou duas estrofes de um canto alegre e que cause a última impressão que se irá levar da celebração. Pode ser executado com maestria, porém não deve ser muito prolongado. Um costume muito comum, é o de se aproveitar este canto final para fazer uma homenagem a Maria, mãe de Deus e nossa.

Após a bênção pode-se continuar as demais estrofes do canto final, sem a necessidade da participação do povo. Utilizem-se todos os recursos disponíveis para que este encerramento crie a predisposição para o povo retornar à Festa Eucarística.

VI – SÍMBOLOS

Um as palavras sobre os símbolos e os sentidos

Não vou escrever um tratado de simbologia, nem fazer Teologia dos símbolos; isto cabe aos liturgistas. Vou falar sobre coisas práticas que todos nós, que gostamos de liturgia devemos saber e cuidar. Sabemos que os símbolos têm uma linguagem muito

forte. Eles orientam a nossa caminhada. Todos já viram um sinal (símbolo) de perigo: uma cabeça de esqueleto, sustentada por dois ossos cruzadas; vimos também um desenho de uma pomba, símbolo da paz, e enfim, muitos sinais que nos dizem muito no dia a dia.

Assim também acontece na liturgia, ela é riquíssima em símbolos. Nós devemos conservá-los, aprimorá-los, trazer de volta alguns esquecidos e criar outros.

O homem tem necessidade de tocar, ver, ouvir, cheirar e degustar. Se observarmos nós temos cinco sentidos: tato, visão, audição, olfato e paladar.

A. Tato - É importante este gesto para a nossa fé, e muito salutar para o povo de Deus. É o tocar. Temos experiências de ver muitos imagens desgastadas de tanto as pessoas nelas tocarem. As imagens são símbolos, sinais da salvação de Deus. Representam as pessoas que levaram a sério o Evangelho. Às vezes, nós temos que proporcionar isto nas celebrações. Por exemplo: quando celebramos o padroeiro da paróquia é dia de tirar a sua imagem do altar, trazê-la perto do povo e deixar que a tocam. Assim também nas festas de Nossa Senhora; na festa de um santo, cuja paróquia possui uma relíquia. Na celebração da Bíblia, deixar uma Bíblia aberta passar de mão em mão na assembléia, para que cada um dê nela um beijo e passe para ao irmão ao lado, e assim por diante. Devemos explorar estes gestos com a força simbólica que possuem.

B. Visão - Na liturgia talvez seja o veículo, mais forte. São os próprios símbolos em ação. É o primeiro contato com eles. Estes símbolos constituem principalmente as cores e os objetos.

C. Audição - Fazem parte deste sentido nas celebrações, todas as orações, todos os cantos, todos os solos de instrumentos. Daí a importância de um bom aparelho e de um bom sonoplasta. Também a ausência do som, no silêncio litúrgico, tem uma linguagem muito profunda e fecunda.

"Nunca a comunicação é tão profunda como quando não se diz nada, e nunca o silêncio é tão eloqüente como quando nada se comunica".

D. Olfato - Na celebração litúrgica, principalmente nas solenidades e nas festas, deve ser usado o incenso. Isto tem que resgatar, temos que trazê-lo de volta para as celebrações. Ele tem um simbolismo muito forte. É símbolo da oração do povo que vai como um perfume agradável a Deus. Se uma pessoa pede um pouco de incenso para queimar em casa, o incenso aí quer dizer sinal da presença de Deus. Quando for usado é para sair fumaça mesmo, senão, é melhor nem usá-lo. O incenso realmente proporciona uma atmosfera de santidade de oração. É um sinal do lugar santo!

E. Paladar - Na celebração este sentido se faz principalmente na comunhão. Em tempos idos, na celebração do Batismo, o sacerdote colocava sal na boca da criança. Numa solenidade, pelo menos uma vez por ano a comunhão deveria ser dada sobre duas espécies. Tudo isto contribui para uma viva participação. É muito importante o Povo de Deus ver e sentir as coisas de Deus! Uma procissão na hora das oferendas, enriquecida com as coisas do dia-a-dia da comunidade e com símbolos referentes ao motivo da celebração, torna a festa da vida mais rica, mais bonita, mais palpável e mais sentida.

Tudo se consegue devagar. Tenha sempre em mente as palavras que são Francisco de Assis que sempre dizia:

"Irmãos, vamos começar pois até agora pouco ou nada fizemos".

VII – Meios para aperfeiçoar os Ministérios

Podemos reconhecer três formas de leitura da Palavra:

- **Uma leitura para mim:** pessoal, individual, face a face com o texto e com Deus, longe do mundo e dos outros, um pouco “pretensiosa, reservada à inteligência”.
- **Uma leitura para os outros:** do ambão, púlpito ou mesa da Palavra, do presbitério. Uma leitura clara, para os outros, para a assembléia.
- **Uma leitura pelos outros:** entrar na Igreja, acomodar-se, sentar-se e escutar a leitura feita por outros.

As duas primeiras maneiras supõem um domínio da leitura, mas o essencial não está nisto. A terceira, é a melhor forma de leitura, pois a atitude é acolhedora e só com ela se experimenta a dimensão mais profunda da emoção: receber o texto de alguém que oferece, que apresenta. É claro que, ao ler para os outros, deve-se também passar a emoção que o texto sugere; emoção esta que afeta primeiro quem lê, de modo que ele também seja um acolhedor da Palavra.

Que meios podem ser usados para se chegar a uma qualidade boa na comunicação da Palavra e das palavras?

- Uma leitura penetrada de fé, no Autor da Palavra e na própria Palavra.
- Uma leitura abandonada e conduzida pelo texto. O texto é que deve conduzir o leitor, posto o inverso não ser verdadeiro nem aconselhável.
- Uma leitura participada na proclamação. A questão não é propriamente técnica, como colocação da voz, respiração, timbre... Diz um autor francês: “Prefiro mil vezes o leitor um pouco sem jeito, mas de grandes convicções”.

➤ *O Salmista, leitor, comentador*

Esta ordem das funções tem sua razão de ser pela importância do que se transmite pela leitura, e pelo grau de dificuldade em proclamar seja um salmo (o mais difícil, quando cantado), seja uma leitura (cujo estilo literário é diversificado), seja um comentário (palavra que, quando se tem técnica e conhecimento pode ser improvisada).

- Conhecer bem o texto. É imprescindível a leitura e o estudo do texto, deixando as palavras penetrarem no próprio íntimo. Descobrir as palavras-chaves.
- Treinar a leitura em voz alta, pronunciando as palavras nitidamente, articulando bem as sílabas, respeitando as pausas, sabendo em que momento respirar, enfim realçando as palavras-chaves.
- Buscar um tal domínio do texto que possa chegar a ler como se não estivesse lendo, ou seja, de cor.
- Sempre ler de pé (a não ser em celebrações muito íntimas e com pouca gente), bem plantado sobre os dois pés, numa postura que inspire respeito e alegria. Ler do lugar da mesa da Palavra, ou de algum local bem visível a todos.
- Olhar as pessoas para quem se lê, porém sem se fixar em ninguém, isto supõe muito aprendizado e domínio maior do texto.

- Procurar concentrar-se de tal modo na palavra a proclamar e na assembléia ouvinte que não se deixe perturbar por ruídos exteriores (criança, gente tossindo, chegando, saindo, cochilando, abrindo a boca). Porém, se alguém perturba demais a comunidade que ouve, o melhor a se fazer é interromper a leitura para solucionar o problema. Por exemplo, um bêbado, alguém que desmaia...
- Aprender sempre com os que lêem bem.

➤ *Ministério do altar*

Sacristão, acólitos (coroinhas), ministros extraordinários da Eucaristia, recepcionistas, encarregados da coleta de ofertas e quantos a mais houver (e nunca devem ser “demais”), devem estar compenetrados do que fazem enquanto serviço, bem como enquanto celebrantes também da ação litúrgica. Quantas vezes se vêem membros da Equipe de Celebração “presentes mas ausentes da celebração”: não cantam, não ouvem, não estão comprometidos com o que se passa e se faz, são os primeiros a conversar durante leituras e homilias.

Que meios se pode sugerir para o exercício mais comunicativo de sua função?

- Antes de tudo, colocar em prática aquelas condições básicas sugeridas antes.
- O cuidado humano e litúrgico com a postura, gestos e expressão corporal, especialmente o andar. Nosso corpo irradia nosso dentro, revela nossa atitude de fé, piedade e convicção.
- As vestes, extensão e revelação do nosso “dentro”. Nem se vestir como nos séculos passados, ou se despir como no presente. Distinguir bem aqueles que vêm só para participar dos que vêm para servir na participação exercendo tarefas e funções. Leve-se em conta sempre a diversidade de culturas, costumes, tempos, idade e maturidade da fé, seja da comunidade, seja das pessoas.
- Transmitir alegria e serenidade, evitando artificialismo e exageros. A alegria que irradiamos em celebrar e servir torna fortemente comunicativo nosso serviço. Se for para servir triste, emburrado, tenso, de cara feia... melhor não ousar servir.
- Respeito absolutamente fraterno para com as pessoas e a comunidade, de modo especial para com os mais simples e rudes, antes, durante e depois da ação litúrgica.

➤ *O contato com os sinais, símbolos e espaço*

- Conhecer bem os elementos materiais litúrgicos, não apenas para saber com o que se está tratando, mas sobretudo para ensinar aos outros o que cada coisa é e significa.
- Ter um carinho especial para com estes elementos, ao tomá-los nas mãos, ao colocá-los no altar ou mesa, ao levá-los para lado ou ao guardá-los. Tudo sem afetação, mas com muito respeito e o cuidado amoroso que lhe são devidos como objetos sagrados, para edificar assim a comunidade que vê e observa tudo.
- Trazer os elementos materiais litúrgicos sempre limpos. Sendo gestos, que sejam bem feitos. A expressão “fé celebrada comunitariamente” passa por estes sinais e necessita deles.

- Informar sempre aos responsáveis sobre a deficiência ou falta dos objetos litúrgicos, a fim de que sua qualidade e uso não se deteriore, e para que não venham nunca a faltar no momento celebrativo.
- Sempre se antecipar ao momento da celebração para ver se tudo está em ordem, nos devidos lugares e com as condições dignas de uso.
- Limitando-se cada um à sua tarefa, procurem todos ter uma visão do conjunto, especialmente para trabalhar de fato em equipe e estar atentos a possíveis imprevistos que, quanto mais complexa a celebração, mais acontecem.
- Elaborar uma ficha com a indicação de tudo o que é necessário para as celebrações, especialmente naquelas mais complexas como Tríduo Pascal, missas presididas pelo bispo, celebrações, certas missas e sacramentos mais ocasionais.
- Estar sempre aberto e disposto a aprender com os outros e com os recursos de hoje: leituras, palestras, cursos breves, encontros.

➤ *Encontros, leituras e cursos*

Vivenciamos uma época, também dentro da Igreja, de reuniões, encontros, cursos que, às vezes, chegam a saturar certas pessoas. É preciso primeiro saber se são necessários, para depois então, torná-los agradáveis e proveitosos. Na formação da Equipe de Celebração, não se pode passar sem estes meios, em nosso caso, visando sempre e mais uma prática comunicativa da liturgia. Portanto, é preciso usar a teoria enquanto necessária, mas voltada para a prática da celebração.

Encontros querem formais, ou informais, nos quais os aspectos da comunicação litúrgica sejam tratados abertamente e corajosamente entre padres, seminaristas, leigos e leigas engajados ou não. Encontros onde se coloque em prática a própria arte de comunicar, sinceridade, diálogo, todos aprendendo com todos, abertura para o outro, capacidade de escuta, dimensão humana das pessoas, busca de solução em conjunto, compromisso com a comunicação humana, cristã, libertadora para que seja litúrgica.

Leituras para enriquecer o conteúdo teórico da teologia da liturgia, do processo da comunicação e conteúdos afins, sempre tendo em vista que comunicação nunca se aprende em livros, nem em artigos, mas podem ajudar e muito.

Cursos voltados não apenas à prática da comunicação, mas essencialmente para a prática na liturgia. Cursos e cursinhos mais breves que despertem a consciência, que apresentem exercícios práticos, que avaliem nossas liturgias à luz da comunicação. A grande e clamorosa falta que dificulta este trabalho é gente especializada (não tanto especialista ou profissional) capaz de assessorar estes esforços.

➤ *Reunião da Equipe de Celebração*

Uma vez todos reunidos na hora e lugar marcados:

- **Uma oração inicial**, preparada pelos membros da equipe, na qual haja a experiência da espontaneidade acompanhada da riqueza de textos da própria liturgia (salmos, hinos, orações).
- **Um momento de formação**, seja partindo de um texto-livro-base, seja da exposição de um determinado tema por alguém preparado para tanto.
- **O intercâmbio de opiniões e troca de idéias**, seja partindo do estudo, ou da realidade que se propõe a aperfeiçoar, a renovar, a modificar.
- **Avaliar a atuação da equipe** e de seus vários membros à luz da comunicação na liturgia, sempre reconhecendo o que foi bem feito, o que é

carisma e técnica de cada um, contribuindo, inclusive, com observações em torno do que se pode melhorar.

- **Abordar alguns aspectos mais urgentes** no trabalho da equipe de celebração buscando juntos o compromisso na solução dos problemas.
- **Momento de informações** para todo o grupo.
- **Proposta de tema** a ser estudado na próxima reunião.
- **Oração final de agradecimento e súplica** com algum canto litúrgico, levando-se em conta as circunstâncias de tempo e lugar.

Jamais permitir reunião longa demais, pois acaba sendo contraproducente, repetitiva e cansativa. Nem breve demais, faltando à tranquilidade e o tempo para ser eficaz. Buscar constantemente “fechar a reunião” com algum ponto bem concreto para se pôr em prática.

VIII – Bibliografia

- **BÍBLIA SAGRADA** – Evangelho segundo São Mateus, Evangelho segundo São João, Carta de São Paulo aos Efésios, Carta de São Paulo aos Romanos, 1.^a Carta de São Paulo aos Coríntios, Carta aos Hebreus, 1.^a Carta de São Pedro.
- **Catecismo da Igreja Católica**, Editora Vozes, Edições Paulinas, Edições Loyola e Editora Ave Maria, 1993.
- **Cerimonial dos Bispos – Cerimonial da Igreja** – Tradução Portuguesa da Edição Típica realizada pelo Secretariado Nacional de Liturgia de Portugal, adaptada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Editora Salesiana Dom Bosco e Edições Paulinas, 1988.
- **CONCÍLIO ECUMÊNICO DE TRENTO**, apud DENZINGER, Henricus (Karl Rahner S.J.) – *Enchiridion Symbolorum, Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, editio 30, Herder, Freiburg a/ Breisgau, 1955.
- **CONCÍLIO ECUMÊNICO DO VATICANO II** – Constituição Sacrosanctum Concilium, Editora Vozes, Petrópolis, 1967.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda – **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira, julho de 1994.
- **MISSAL ROMANO**, Tradução Portuguesa para o Brasil da 2.^a Edição Típica Vaticana, Edições Paulinas, Editora Vozes, 1992.
- PEREIRA, S. J., Isidro – **Dicionário Grego-Português e Português-Grego**, 5.^a edição, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1976.

Pe. Vanderlei Pavan CSCJ

Paróquia São Judas Tadeu
Rua Paulo Milek Sobrinho s/n
Vila Santa Cruz – Castro - PR